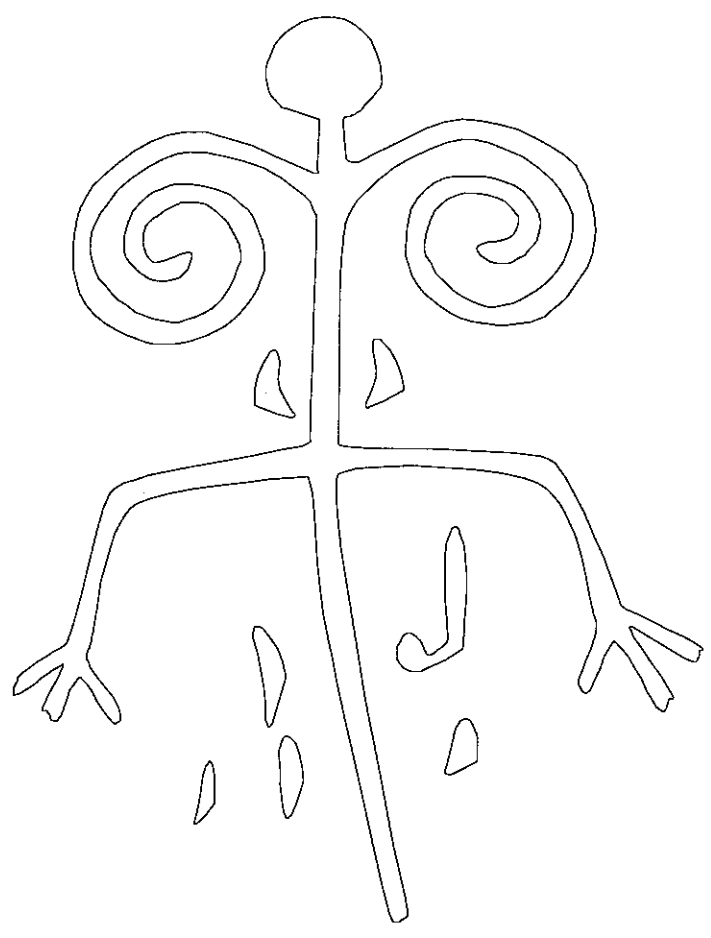


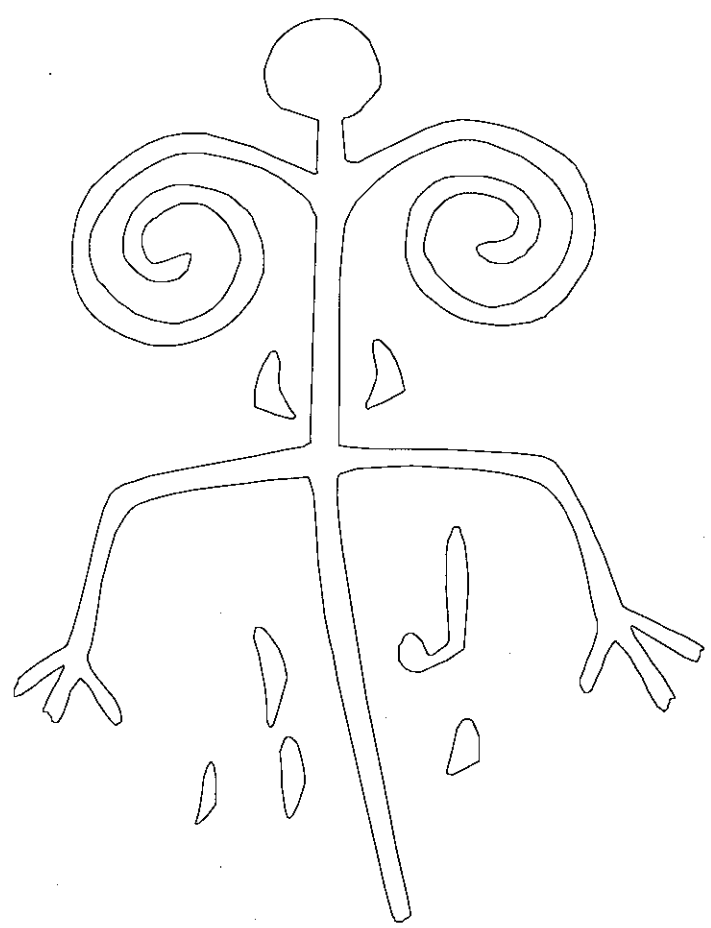
Manual de Doenças

Tradicionalis Baniwa



Manual de Doenças

Tradicionais Baniwa



Copyright © 2001 Universidade do Amazonas

Pró-Reitoria de Extensão – PROEXT

Faculdade de Ciências da Saúde – FCS

Núcleo de Estudos em Saúde Pública – NESP

Rede Autônoma de Saúde Indígena – Projeto RASI

Organização Indígena da Bacia do Içana - OIBI

Editor: Algenir Ferraz Suano da Silva

Produzido e elaborado: Projeto Rasi - Rede Autônoma de Saúde Indígena / OIBI – Organização Indígena da Bacia do Içana

Organização e Texto em português: Luiza Garnelo

Tradutores da Língua Baniwa: André Fernando, Irineu Laureano Rodrigues

Diagramação: L. C. Brandão, Sully Sampaio, Luiza Garnelo

Ilustração: L. C. Brandão (com desenhos baseados nos petroglifos localizados na foz do rio Pamari)

Arte final: L. C. Brandão, Sully Sampaio

Projeto Rasi

Rua Afonso Pena n. 1053 – Centro

Fone/Fax: (092) 233-5538

E-mail: nespua@hotmail.com

Cep: 69020-160 Manaus/Am

Ficha Catalográfica

Elaborada pela Coordenação de Editoração da UA

Universidade do Amazonas

Manual de Doenças Tradicionais Baniwa / Universidade do Amazonas. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

39 p.: il. 32x21,5 cm

1. Doenças Tradicionais 2. Índios Baniwa 3. Medicina indígena I. Título

CDD 610

CDU 61

Editora da Universidade do Amazonas

Av. Gal. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000 - Alcivo

Bloco L - Minicampus

Telefax: (0xx) 92 644 22 42

www.edua.fua.br -

E-mail: edua@fua.br

CEP.: 69.077-000

Manaus - Am

A História do Manual

Esse Manual foi feito para os Agentes Indígenas de Saúde Baniwa. Ele é o produto de um grande esforço das lideranças indígenas, pessoas idosas das comunidades, conhecedores de plantas, benzedores e Pajés, que se juntaram com a equipe do Projeto RASI da Universidade do Amazonas, para fazer um registro escrito da tradição, falando sobre as doenças que atacam a humanidade.

Ele foi feito para atender ao pedido das Organizações Indígenas Baniwa, que desejavam que os jovens Agentes de Saúde de seu povo pudessem aprender sobre as doenças da tradição. As lideranças estavam preocupadas com os treinamentos dos Agentes de Saúde, que tem dado mais importância às doenças do branco; eles tinham medo que os Agentes pudessem se distanciar e desvalorizar cada vez mais a sua tradição.

O projeto começou em 1997 com o treinamento dos agentes de saúde sobre plantas medicinais da tradição Baniwa. A OIBI trouxe essa proposta para o RASI; daí a Organização fez o primeiro curso, em Tucumã Rupita. Muitas pessoas idosas, conhecedoras de plantas vieram e ensinaram os agentes; essas pessoas que ensinaram foram chamadas de informantes.

Depois do primeiro curso os Agentes começaram a fazer hortas de plantas medicinais nas suas comunidades; esse novo passo foi muito importante, porque interessou as pessoas e revitalizou o uso dessa tradição nas aldeias. Os Agentes receberam plantas de seus parentes, principalmente das mulheres, para colocar nas hortas. Houve um aumento de interesse nas plantas e muitas trocas aconteceram entre as comunidades; plantas que ficavam meio escondidas nas roças puderam ser conhecidas por quem se interessou.

Os velhos se preocuparam em não deixar as pessoas ficarem conhecendo plantas que pudessem ser perigosas; por isso eles ensinaram plantas que fossem de utilidade para o tratamento das doenças, mas que não fossem perigosas de usar.

No ano seguinte houve novo treinamento em Tucumã Rupita; nele os agentes aprenderam a preparar novos remédios e ouviram muitas histórias da tradição. No curso ficou claro que não seria possível continuar a aprender sobre os tratamentos com plantas e dietas, sem conhecer bem as doenças. No final do treinamento ficou combinado que durante o ano, uma equipe menor viajaria para as comunidades dos informantes, recolhendo informações sobre doenças e tratamentos para fazer um registro escrito da tradição, procurando melhorar o treinamento dos agentes. A equipe do RASI começou essas viagens que foram feitas junto com a diretoria da OIBI.

No ano de 1999 a ACIRA já tinha começado a trabalhar também no Projeto de Medicina Tradicional e pediu que o próximo curso fosse no Aiari, para facilitar a participação dos velhos de lá. O curso daquele ano foi feito em Canadá, com a participação de muitos informantes e das lideranças de todas as organizações indígenas Baniwa e Curipaco, que já estavam interessadas no projeto.

A OIBI, ACIRA, UNIBI e OICAI participaram do curso. Nesse momento já existia uma primeira versão do Manual, um borrão, que foi lido para os velhos; eles corrigiram o que já estava escrito e explicaram mais histórias e doenças. Em Canadá ficou decidido que no ano de 2000 a equipe do RASI deveria aprontar o Manual e passar nas comunidades dos informantes para corrigir erros e completar o que faltasse.

Em 2000 foi feito um curso na área Curipaco. No mesmo ano houve um segundo curso em Tunuí, onde os Agentes estudaram no Manual.

Continuação da história

As histórias e explicações que vamos contar aqui não são aceitas por todos os Baniwa; cada tribo tem a sua própria maneira de contar os Mitos, que os velhos chamam de "histórias"; muitas pessoas contam histórias diferentes das que aparecem nesse livrinho. As versões que estão registradas aqui não são mais certas do que outras que existem; elas foram escolhidas porque, para os informantes que ajudaram a fazer o Manual, essa era a melhor maneira de contar as histórias.

É importante lembrar que esse Manual sozinho não é capaz de ensinar ao Agente Indígena de Saúde tudo o que ele precisa lembrar e saber sobre as doenças tradicionais. O Manual é somente um resumo, uma explicação das partes mais importantes das histórias que contam como as doenças apareceram no mundo. Os Mitos Baniwa são muito compridos e se as histórias completas fossem escritas o Manual ia ficar muito grande e difícil para ser entendido; por isso achamos melhor fazer só um resumo. Mas o Agente de Saúde deve continuar se interessando em aprender com os velhos de sua comunidade as histórias completas de seu povo

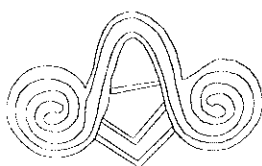
Se as pessoas nas comunidades não concordarem com o que está escrito aqui, elas podem procurar sua Organização Indígena e organizar outros manuais. Se quiserem fazer isso elas poderão contar também com a ajuda da Universidade do Amazonas, através do Projeto RASI.

Embora fale de assuntos da tradição, o Manual de Doenças Tradicionais Baniwa foi escrito em linguagem de branco, para respeitar uma preocupação dos velhos, que tinham medo de um mau uso das palavras sagradas da tradição. Tanto os Mitos quanto as explicações de doença tem palavras de poder; se eles fossem escritos em Baniwa poderiam ser usados para causar mal a alguém. Por isso foi decidido pelos informantes, que tudo devia ser escrito de maneira resumida e em Português, para evitar um uso ruim dessa sabedoria. Os segredos da tradição Baniwa só devem continuar sendo aprendidos nas comunidades, seguindo o costume das pessoas que conhecem esses segredos e que estão autorizadas a fazer este tipo ensinamento.

Também procuramos usar palavras simples no texto, parecidas com a nossa fala do dia a dia, para deixar a leitura mais fácil de entender.

O Manual foi corrigido pelos informantes com a ajuda de Irineu Rodrigues da OIBI e Paulo Fontes Rodrigues da ACIRA; todos os parágrafos foram lidos e traduzidos em Baniwa para os velhos que corrigiram os erros e contaram mais coisas, quando acharam que as explicações estavam incompletas.

Além desse Manual, cada Agente de Saúde vai receber também o seu Cadastro de Plantas Medicinais, onde são explicados os tratamentos para as doenças que aparecem aqui.



Quem fez o Manual

Muitas pessoas ajudaram a fazer esse Manual, mas ele não poderia existir sem os conhecimentos do informantes que com muito boa vontade ensinaram as histórias, explicaram as doenças e tratamentos e treinaram os agentes de saúde sobre este assunto. Os informantes que colaboraram com este Manual foram:

No Rio Içana

Juivitera: Valentim Paiva, Roberto Paiva, Barcelícia Garcia, Mônica Paiva, Porcinda Garcia e Madalena Custódio;

St. Marta: Armando Graciliano Fontes e Laurentino Antônio Brazão

Tucumã Rupita: Fernando José

Arapasso: Gabriel Paiva

Tamanduá: Marcelino dos Santos

Mauá Cachoeira: Alberto Gaudêncio

S. José: Arnaldo Lourenço Farias

No Rio Aiari:

Uapuí Cachoeira: Manoel da Silva e Mário Trindade

Araripira: Paulino Andrade Montenegro e Francisco Paulo

Vila Nova: Eduardo Júlio da Silva

Canadá: João Cândido

Miriti: Alícia Dina

St. Izabel: Olinto Júlio

Turi Ponta: Tiago Graciliano e Marcos da Silva

S. Pedro: Laureano Valência e Hermínia Paiva

Outras pessoas que ajudaram....

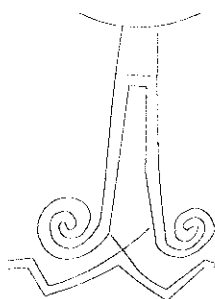
Os membros da diretoria da OIBI e da ACIRA também trabalharam no Manual, perguntando dos velhos, gravando informações, traduzindo, explicando algumas coisas difíceis de entender, participando da coordenação dos cursos e da correção do Manual; por isso queremos registrar aqui os nomes de André Fernando, Bonifácio José, Mário Farias, Irineu L. Rodrigues, Tito Paiva, Manuel Paiva e Paulo Fontes Rodrigues. Irineu L. Rodrigues também fez a correção das palavras na nova escrita Baniwa.

Os capitães e agentes de saúde dos rios Içana e Aiari participaram com muito interesse da pesquisa sobre doenças e plantas e dos treinamentos, ouvindo os velhos, conversando sobre o assunto, explicando e traduzindo quando era necessário; o esforço deles ajudou a entender esse assunto tão complicado.

O professor Robin Wright da Universidade de Campinas que conhece os Baniwa há muitos anos também participou; ele deu as primeiras informações sobre os tipos de doença e os Mitos que explicam como elas apareceram no mundo; também traduziu gravações e explicou muitas outras coisas sobre a cultura desse povo.

A equipe do RASI trabalhou nas diversas fases desse projeto: Sully Sampaio, Fabiane Vinente, Adriana Encarnação, Eduardo Chaves, Cira Senna, Aparecida de Moraes e Luiza Garnelo participaram de diversas viagens e cursos para pesquisar sobre as doenças e plantas medicinais Baniwa e organizar o Manual e o Cadastro de Plantas Medicinais. Luiza Garnelo coordenou todo o trabalho, organizou e escreveu o texto do Manual; Evelyne Mainbourg, Moacir Biondo e Clóvis Pereira também ajudaram na organização do Cadastro de Plantas Medicinais.

Finalmente queremos agradecer ao CCFD, Comitê Católico contra a Fome e pelo Desenvolvimento, que financiou e apoiou este trabalho desde o seu início, à Fundação Nacional de Saúde e ao Projeto *Fatores socioculturais e econômicos de risco para HIV e tuberculose na região do alto rio Negro (Amazônia brasileira)*, ISA/IRD/CNPq. que também apoiaram nesse último ano de trabalho.



Como as Doenças Tradicionais Baniwa apareceram no Mundo

A explicação de como as doenças tradicionais do povo Baniwa apareceram no mundo, pode ser encontrada nos Mitos, que as pessoas nas comunidades chamam de "histórias". Esses Mitos explicam como essas doenças começaram, no tempo dos antigos, antes que os seres humanos saíssem de *Hiiwana*, e porque elas existem até hoje. A origem dos tratamentos para esses problemas também pode ser explicada pelos Mitos e pelas rezas.

Na tradição Baniwa existem alguns Mitos que explicam de onde apareceram as doenças. O primeiro deles é a história da mulher de *Ñapirikoli*, que foi contada pelos velhos informantes que participaram deste trabalho; essa mesma história, um pouco diferente, pode ser encontrada no livro *A Sabedoria dos Nossos Antepassados*.

Vamos fazer aqui um resumo dessa história:

Um dia *Ñapirikoli* quebrou as flechinhas dos meninos-passarinho; eles ficaram com raiva e disseram que ele não sabia de nada e que quando ele saía para caçar sua mulher ficava namorando com a cobra *Omáwali*, também chamada de *Ooliámali*, no porto da casa deles. Aí ele fez que ia caçar mas não foi; voltou e ficou observando sua mulher escondido; ele viu que ela desceu até o rio e quando chegou no porto ficou batendo numa cuia emborcada; a grande cobra veio e teve relação sexual com ela.

Ñapirikoli ficou com muita raiva e quis se vingar; ele chamou *Hoiniri*, um curupira da floresta que tinha flechas com veneno e pediu ajuda. Um dia ficaram escondidos vendo a mulher de *Ñapirikoli* descer para o porto e chamar a cobra; quando eles começaram a ter relação sexual *Ñapirikoli* apontou a zarabatana e soprou, mas ele não sabia atirar direito e ficou atirando flechas à toa, sem conseguir acertar *Ooliámali*; dessas flechas que ele jogou por aí, nasceram as cobras venenosas. Da primeira flecha que ele atirou à toa nasceu a cobra *Waáropi*, da segunda flecha que caiu na terra, nasceu *Dáipi*, a surucucu; da terceira flecha saiu *Eripa*, o pico de jaca; da última flecha que ele jogou nasceu *Onikátshire*, a jararaca. Alguns informantes dizem que *Ñapirikoli* não conseguia atirar com a zarabatana porque a mulher adivinhou que ele ia querer matar a cobra e antes tinha quebrado as flechas dele; só ficaram duas flechas boas que ele tinha escondido.

Então *Hoiniri* pegou a zarabatana apontou para o céu e bateu forte com a palma da mão. A primeira flecha subiu, bateu no céu e voltou: atingiu *Ooliámali* no ombro e ele não sentiu nada; *Hoiniri* atirou a segunda flecha que também bateu no céu e voltou, atingindo *Ooliámali* no quadril, aí ele morreu. As pontas das flechas que entraram no corpo de *Ooliámali* é que viraram o *Walama*; a dor de *Walama* sempre ataca nesses lugares do corpo. O *Walama* é então uma doença de vingança; os Pajés faziam quando queriam se vingar de alguém, como *Ñapirikoli* queria se vingar de *Ooliámali*.

A cobra morta se soltou do corpo da mulher e afundou no rio, soltando seu esperma na água. A mulher de *Ñapirikoli* foi para casa e começou a fazer beijú. Depois de um tempo *Ñapirikoli* voltou e disse que ia pescar para comer peixe com o beijú. Ele foi, cortou o pênis de *Ooliámali* e transformou em peixe, depois ele voltou para casa, trazendo peixes comuns e quatro peixinhos que eram pedaços do pênis de *Ooliámali*.

A mulher pediu peixe do marido; *Ñapirikoli* primeiro fez que não queria dar e depois deu os peixes para ela; os peixes não eram cozidos, eram assados e estavam frios. Depois que a mulher comeu, ele contou que os peixes eram o pênis de *Omáwali* e aí ela notou que estava grávida. A mulher foi para a beira do rio e tomou uma planta do mato, conseguindo vomitar três peixes, mas o quarto peixe não saiu e ela continuou grávida da cobra. Era a vingança do homem contra a mulher.

Continuação da História da mulher de *Ñapirikoli*...

Alguns informantes dizem que durante a gravidez as cobrinhas se multiplicaram na barriga da mulher; um dia *Ñapirikoli* estourou a barriga dela com um cacho de bacaba, quando a barriga estourou as cobras se espalharam no mato, aumentando as cobras que existem no mundo. Ainda assim, não saíram todas as cobras; uma delas ficou na barriga e a gravidez continuou.

A gravidez foi muito comprida e quando foi no tempo da criança nascer ela não nasceu direito. A criança, que tinha corpo de cobra e só a cabeça de gente, furou a região da clavícula da mãe e se enrolou no seu pescoço, passando a viver aí; o rabo do filhote de cobra ficava preso no útero da mãe. A mulher não conseguia fazer nada direito porque o filho não deixava, ele passava todo tempo no pescoço da mãe pedindo comida; ela queria se livrar daquela criança, mas não conseguia. Dessa situação de ter sempre uma cobra na barriga apareceu a doença *Whiokali* quem vem do pitiú do peixe mal assado; o doente tem uma diarreia que parece mingau, é como o esperma de *Ooliámali*.

A mãe vivia tentando fugir do filho que não a deixava sossegada. Um dia ela desapareceu, ele não conseguia encontrá-la. Ele foi na casa dos tios porque sabia que ela tinha se escondido lá; quando chegou lá, subiu nos paus que sustentam o telhado da casa; na cumeeira ele fez uma reza para as formigas virem e encontrarem sua mãe. As formigas vieram e entraram no pote de barro onde a mãe estava escondida e morderam a mulher que saiu de lá. Dessa reza que ele fez para achar a mãe dele é que começou a reza para tratar picada de cobra e para tratar mordida de formigas venenosas. Ele deixou esse benzimento para as pessoas do mundo de hoje.

Uma outra vez ela alimentou o filho com sorva; o filhote de cobra achou a fruta gostosa e queria mais; ela disse a ele que subisse na árvore para pegar mais frutas. Então a cobrinha saiu toda do corpo da mãe que aproveitou para fugir; a mulher deixou uma sapinho no pé da árvore, que respondia aos chamados do filhote como se fosse ela. Foi nesse momento que o filho de *Ooliámali* fez o que é reimoso para as doenças. A árvore em que ele subiu, era de sorva mas na verdade cada galho era uma fruteira diferente; ele comeu diversos tipos de frutas, mas algumas ele não comeu. As frutas que ele não comeu é que ficaram sendo reimosas para quem é picado de cobra, como é o caso do abacaxi e do cubiu, que pioram a dor de quem é mordido de cobra. As frutas que ele comeu são comidas boas para dar para a pessoa quando está doente, não são reimosas.

De tanto a mãe tentar fugir ele perdeu a paciência, entrou no rio com ela e foi nadando pelo fundo, só parou na cabeceira do Içana, deixando-a lá. Essa região tinha terra muito boa fazer roças, mas ninguém podia ficar lá, porque ao mesmo tempo que as mandiocas cresciam, as cobras cresciam também; com tantas cobras não dava para viver lá. Para outros informantes, o filhote de cobra levou a mãe para o Baixo Rio Negro onde fez uma cidade embaixo da água e lá deixou a mãe dele.

Todos concordam porém, que o filho de *Ooliámali* desceu o baixo Rio Negro; quando foi nadando para lá ele foi abrindo caminho, esticando o mundo e formando a parte baixa do Rio Negro, onde ele ficou morando.

Dizem também que ele se tornou o pai dos *Yóopinai* de terra daquela região. Num tempo futuro os brancos roubariam o petróleo desses *Yóopinai*; é esse petróleo que os brancos usam para movimentar as fábricas e produzir as mercadorias que dão as doenças do branco.

Lembre que essa história é só um resumo das partes que explicam como apareceram as doenças; para saber a história completa você deve perguntar dos velhos da sua comunidade!

É importante entender também que a história de *Ooliámali* fala do tempo dos antepassados, quando havia uma guerra constante entre seres humanos e os peixes-cobra. Quando *Omáwali* tem relações sexuais com a mulher de *Ñapirikoli* ele estava tentando roubar o futuro das gerações humanas e garantir que os descendentes fossem cobras e peixes ao invés de gente.

A história de *Omáwali* explica o aparecimento das seguinte doenças:

Walama, que acontece pela primeira vez com as flechinhas da zarabatana que *Hoiniri* e *Ñapirikoli* usam para matar *Ooliámali*;

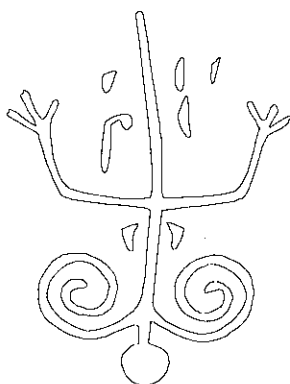
Veneno da picada de cobra, aparece das flechas envenenadas de *Hoiniri*, que *Ñapirikoli* usa quando tenta matar *Omáwali*, mas não acerta; as cobras que conhecemos hoje, saem da barriga da mulher de *Ñapirikoli*, quando ele estoura a barriga dela com o cacho de bacaba.

Whiókali que também tem a ver com essa história, porque a mulher de *Ñapirikoli* comeu peixe frio, que não estava bem assado, foi assim que apareceu *Whiókali* no mundo; ainda hoje, se por algum motivo uma pessoa engolir o pitiú do peixe cru ela pode pegar essa doença. Se não for tratada, a pessoa vai ter sempre diarreia e vai crescer uma cobra em sua barriga.

Essa cobra é descendente de *Omáwali* que é pai de todos os peixes e todas as cobras; ela tira sua força das outras cobras que estão no mundo; na barriga, a cobra enfraquece o doente, podendo matá-lo se ele não for tratado. A doença *Whiókali* também apareceu no mundo nessa briga de *Ñapirikoli* com *Omáwali*; as cobras perderam essa luta, mas até hoje tentam se vingar das pessoas, causando doenças;

Para alguns informantes as doenças dos **Yóopinai** também tem a ver com essa história, porque o filho/cobra de *Omáwali* se tornou pai dos *Yóopinai* do Baixo Rio Negro. Nem todos os velhos que contaram histórias concordam com isso.

Veja na próxima página quais são os principais tipos dessas doenças e o que a pessoa sente quando está com estes problemas:



Doenças causadas por Pajé:

Walama é o principal tipo de doença de Pajé; podemos chamar de *Walama* todas as doenças causadas por flechinhas mágicas enviadas por Pajé; quando o Pajé é poderoso ele pode usar o poder do trovão para movimentar pelo ar, essas flechinhas invisíveis, que entram na pessoa e causam doença. Quando voa no ar, essa flecha faz um movimento igual ao da flecha da zarabatana quando é soprada para cima; é uma repetição do que *Hoiniri* fez quando atirou de zarabatana para matar *Omáwali*. Nessa doença a pessoa sente dor em pontada no corpo, febre, dor de cabeça e pode até morrer se não for tratada.

Alguns informantes dizem que *Walama* também é parecido com o sopro *Hiwiatti*; nesse caso o soprador faz uma reza do mal, que é soprada no ar, e entra como uma flecha no corpo da vítima. Os Pajés que ajudaram no manual explicaram que não são os Pajés de hoje em dia que mandam essa doença; quem tinha capacidade de mandar eram os Pajés poderosos que existiam antigamente, com isso a doença foi ficando no mundo e continua até hoje.

Existe outra história que explica como o *Walama*, depois de aparecer no mundo no tempo de *Ñapirikoli*, aumentou e passou para o mundo de hoje, por causa do erro da Anta que usou mal o poder de ser Pajé.

A história da anta e a árvore de Kaali

Nessa história tanto *Ñapirikoli* quanto seu irmão *Dzooli*, estavam procurando *Malikai*, o poder do Pajé de fazer zoar o trovão e usar os instrumentos do Pajé para curar. Os dois estavam disputando um com o outro, para ficar com o *Malikai*; essa história conta os problemas que aconteceram por causa das brigas entre os dois irmãos.

Eles queriam aumentar o seu poder, por isso, um dia foram procurar a grande árvore de Kaali. Essa árvore era de muito poder, ela tinha muitos galhos e cada galho era uma planta diferente. Bem no meio dela existia muito conhecimento, muito *Malikai*; lá tinha todos os tipos de benzimentos; tinha também um Paatto, uma caixa de folha onde ficavam guardados os instrumentos do Pajé: o Maracá, as pedras, o osso de *Pariká* e um colar de dentes de onça que tinha muito *Malikai*; esses objetos de poder eram protegidos por muitas abelhas, que na história representam o desentendimento entre as pessoas, a inimizade.

Os dois irmãos queriam essas coisas, mas cada um queria para si, não queria dividir com o outro; *Ñapirikoli* resolveu derrubar a árvore para conseguir os materiais do Pajé, por isso mandou *Dzooli* ir pescar. *Dzooli*, que estava transformado em anta, queria estar perto da árvore quando ela caísse, mas obedeceu a *Ñapirikoli* e foi pescar. *Ñapirikoli* também sabia que se a anta conseguisse todo aquele *Malikai* ela ia ficar muito perigosa, ia querer comer gente, não ia comer folha como a anta come hoje.

A anta ficou pescando, mas também ficou prestando atenção para ouvir o barulho da queda da árvore Kaali. Quando a árvore caiu ela voltou correndo do rio e chegou até onde estava a árvore; *Ñapirikoli* queria pegar a caixa de Paatto. Mas não conseguiu porque ficou com medo da picada das abelhas, voando na árvore caída. A anta, que tem o couro duro, foi lá e pegou a caixa, com isso ela roubou o *Malikai* do irmão.

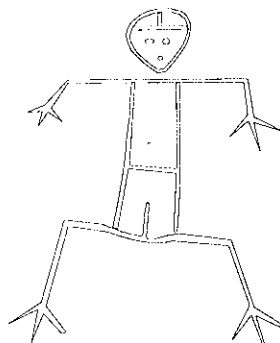
Depois de roubar a caixa, a anta tomou *Pariká*; como o *Malikai* era muito forte ela foi ficando doida; com o colar de dentes de onça ela virou onça e queria comer as pessoas que tinham ajudado *Ñapirikoli* a derrubar a árvore do poder.

Ñapirikoli ficou tentando tomar o *Malikai* de *Dzooli* e evitar que ele ficasse comendo gente; ele dava muitas folhas para o irmão comer; essas plantas hoje são os alimentos de anta; ele dava plantas para anta não sentir fome, mas não adiantou, porque ela já estava gostando mais de comer gente. Um certo dia ele conseguiu tirar a pintura de crajirú do rosto de *Dzooli*; ele cheirou essa pintura e isso deu *Malikai* para ele; com isso ele pôde se transformar em vários tipos de bichos: ele se transformou em preguiça, cotia, cobra, jabuti e muitos tipos de animais perigosos, mas não conseguiu tomar os materiais de Pajé da anta.

Depois ele inventou de se transformar em um vento forte e derrubou muitas árvores, começando então fazer uma roça grande; *Ñapirikoli* pediu para *Dzooli* vir ajudar na roça e ele veio; daí o irmão mais velho fez um verão muito forte, quando chegou o tempo de queimar a roça o calor era muito forte e *Dzooli* ficou com sede. *Ñapirikoli* tinha secado toda a água que estava perto e inventou de ter só um poço bem longe da roça, onde ele planejava pegar a anta. *Dzooli* teve que beber água nesse poço, mas ele não bebia como nós, ele tinha que mergulhar bem no fundo para poder beber a água fria daquele poço. Quando ele mergulhou para tomar água, teve que deixar os materiais de Pajé pendurados numa árvore, perto da beira do poço; no momento em que ele mergulhou *Ñapirikoli* tomou os materiais dele. Para fugir da anta que ia ficar com raiva, *Ñapirikoli* se transformou em passarinho e voou para uma grande árvore. Quando a anta saiu da água fria do poço, balançou a cabeça e espalhou a água pelo mundo, foi aí que apareceu o inverno; ela jogou bastante água fria para o sul, por isso é que lá no sul do Brasil é muito frio.

Dzooli saiu da água e viu que tinha perdido todos os materiais e estava sem nada; ele ficou com raiva e resolveu se vingar. Ele tinha perdido os materiais; mas no tempo em que ficou com o Paato aprendeu a fazer muitas coisas de Pajé; como ele não podia chegar lá no alto da árvore onde *Ñapirikoli* estava, ele fez *Walama* e jogou no irmão. *Ñapirikoli* já sabia o que ia acontecer, por isso ele já tinha inventado plantas para tratar de *Walama*; ele se tratou e não ficou doente. Desse *Walama* que *Dzooli* jogou é que a doença se espalhou no mundo; as plantas que *Ñapirikoli* inventou para tratar da doença ficaram no mato e existem até hoje.

A história acaba aí, mas ela mostra que o mau uso do *Malikai* se espalhou pelo mundo por causa das brigas entre os dois irmãos Pajés; desse mau uso do *Malikai* foi que o *Walama* também se espalhou. Era assim que os Pajés poderosos de antigamente tinham o poder de mandar doenças quando queriam se vingar de alguém.



Existe uma outra história que explica como *Walama* se espalhou no mundo:

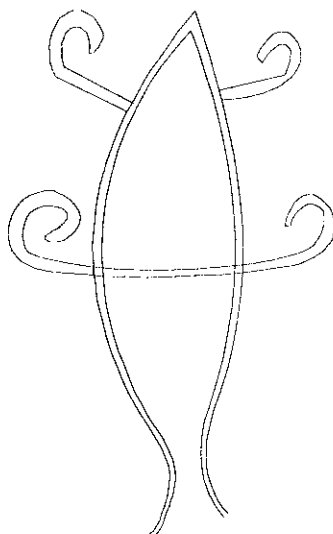
Antigamente existia uma pessoa de nome *Mawêno* que era um Pajé; ele foi no mato procurar bacaba, mas ele queria mesmo era conseguir *Malikai*. A árvore de bacaba era uma árvore de poder, por isso ele foi lá.

Mawêno escutou um barulho estranho, aí ele se assustou, escapuliu e caiu da árvore; o barulho era do gavião *Kamathawa* que estava no pé de bacaba, mas ele não sabia. Depois ele subiu de novo na árvore, quando chegou lá em cima ele viu um homem deitado no chão; ele desceu para falar com o homem, mas quando chegou embaixo o homem tinha desaparecido. E assim foi: ele subia e via o homem, ele descia e o homem sumia.

Na terceira subida ele viu o homem, desceu de novo e dessa vez conseguiu falar com ele; *Mawêno* explicou que estava lá porque queria ter *Malikai*. O *Kamathawa* se apresentou e perguntou se *Mawêno* era mesmo gente, porque queria que *Mawêno* fosse genro dele.

O gavião mandou *Mawêno* dar uma gargalhada, era um teste para ver se ele podia ser genro do *Kamathawa*; *Mawêno* deu uma gargalhada e no mesmo momento em que ele fez isso trovejou bem forte; esse trovão bem forte se espalhou pelo mundo; essa é a explicação de como *Walama* se espalhou pelo mundo.

Então *Mawêno* mandou *Kamathawa* dar uma gargalhada para ver se eles eram iguais; *Kamathawa* deu a gargalhada e foi a mesma coisa, o trovão zoou e se espalhou pelo mundo na forma de *Walama*.



Principais Tipos de Doenças causadas por Pajé

Existem muitos tipos de Doenças causadas por Pajé; algumas delas são provocadas pelas flechinhas *Walama* e outras são causadas pelos instrumentos do Pajé, como o Maracá, as pedras do Pajé e o *Pariká*. Para os informantes, os principais tipos de Doenças causadas por Pajé são:

- ***Kainoakanaadali***: é um tipo de reumatismo, provocado por flechinha *Walama*; o doente sente dor em pontada nas juntas; para outras pessoas essa dor em pontada pode aparecer em qualquer parte do corpo;
- ***Walamhetta***: febre e dor de cabeça em pontada;
- ***Hipathettakani***: provoca diarreia, é causada por uma pedra clara e colorida; é um tipo de doença causada pelos instrumentos do Pajé;
- ***Haikoithettakani* ou *Haiko onittamani***: doença que dá dor no ombro e nas costas. O Pajé mandaria esta doença para a vítima pelo seu Maracá que é feito da árvore chamada *Haiko onittamani*, por isso é que para alguns informantes o nome da doença é o próprio nome da árvore;
- ***Dzooliwheri imhire***: dor na barriga, no corpo e no coração;
- ***Katodakanaakapha***: dor muito forte, como se furasse o peito;
- ***Hamoali***: febre que passa rápido;
- ***Owa haiko***: é uma doença que pode ser causada pelo cabo do Maracá do Pajé; a pessoa sente dor tipo reumatismo que pode aparecer no peito, nas costas e nos quadris. Como existem três tipos de madeira para fazer o Maracá, a doença também pode ser de três tipos diferente; podemos então ter *Owa haiko* branco, preto e vermelho, de acordo com o tipo de madeira do Maracá que causou a doença. Só é possível saber isso quando o Pajé chupa o doente e mostra o tipo de madeira que causou a doença;
- ***Walama-yarakhewi***: febre e dores no corpo.

Existem outras doenças de Pajé, mas elas não aparecem aqui porque são doenças perigosas, de segredo; seu nome não pode ser pronunciado à toa; só pode conhecer essas doenças quem estudar para Pajé.

É preciso ter muito cuidado com o *Malikai*; o mau uso desse poder pode causar muita desgraça, como acontece na história abaixo:

Existia um Pajé chamado *Hoittiwánakali*, que começou a procurar *Malikai*; ele conseguiu muito poder mas começou a perder o controle e a matar gente. Depois de matar muita gente por aí, passou a matar pessoas da própria família: matou o sogro, a sogra, a própria esposa, os filhos e outros familiares.

Como se tornou uma ameaça, os seus parentes se reuniram e o mataram; foi *Hoittiwánakali* mesmo quem recomendou aos parentes que o matassem. Ele disse que depois de matá-lo deveriam tocar fogo no corpo, mas eles fizeram errado, apenas cortaram-lhe a cabeça e a jogaram no rio. A cabeça desceu rio abaixo, mas ainda com cérebro; no cérebro estava o conhecimento de causar todas as doenças e também os remédios para curar essas doenças.

Quando a cabeça chegou aciminha de Juivitera os Pajés Guahibo *Dzawinaikada* pegaram a cabeça, tiraram o cérebro e conseguiram todo o *Malikai* que estava nela e aprenderam todas essas maldades; depois que os Guahibo tiraram o cérebro, a cabeça continuou a descer mas agora já vazia.

Naquele tempo, esses Pajés Guahibo eram do povo Padali, que eram cunhados dos Baniwa daqui mesmo; eles moravam no Aiari, perto de Canadá. Depois que eles aprenderam todas essas coisas, começaram a virar onça, curupira, e outros bichos; botavam *Walama* nas pessoas e comiam gente.

Tempos depois um homem Baniwa foi pegar saúva na mata, mas anoiteceu e ele acabou ficando na mata; ele subiu num jirau e ficou dormindo lá em cima, com um monte de saúva. Mais tarde, ele viu que vinham chegando umas pessoas, eram esses Pajés-onça Padali; eles chegaram em quatro pessoas, tiraram a capa de onça e viraram gente de novo. O homem lá de cima do jirau estava vendo o que estava acontecendo; eles ficaram conversando, combinando como eles iam comer as pessoas. De repente as saúvas do homem que estava no jirau começaram a fazer barulho, os Pajés-onça escutaram, mas pensaram que o barulho das saúvas era *Maneeñai*; isso para eles era bom, era um sinal de que eles iam matar muita gente.

Os Pajés-onça combinaram os melhores lugares para matar as pessoas; como eram quatro, eles iam esperar as pessoas da aldeia em quatro lugares: um ia ficar onde as pessoas fazem mandioca, outro ia esperar onde elas fazem canoa, outro ia ficar no caminho da roça e o último ia esperar no ninho de um passarinho, que sempre faz ninho perto da casa. Só que o homem estava ouvindo tudo o que os Pajés-onça estavam combinando; quando amanheceu os onça vestiram a capa e foram embora. Aí o homem desceu e foi para a aldeia contar tudo o que ele ouviu; as pessoas da aldeia prepararam flechas grandes com curare e foram nos locais indicados, matando esses homens-onça.

Foi assim que os Baniwa acabaram matando esses cunhados. De tanto fazer essas maldades essa comunidade se acabou, mas muitas pessoas conseguiram pegar o poder de ser Pajé e espalhar a doença no mundo.

A cabeça vazia continuou descendo o rio, mas mesmo vazia ela era perigosa, ninguém podia pegar nela. Em Juivitera umas pessoas pescaram a cabeça com caniço, secaram a cabeça com folhas; o caniço se transformou em dois peixes, o pirapucú e outro peixe. Depois disso mandaram a cabeça de novo pelo o rio abaixo, por isso é que lá no baixo tem muita onça grande, porque *Ithiriwakali* era um Pajé onça.

Whíokali e outras doenças causadas por desobediência ao jejum:

A palavra *Whíokali* é usada para falar de tudo o que uma pessoa pode sentir de doença, quando comeu comida ou bebeu água que estava pitiú de peixe ou de caça.

A principal coisa que o doente sente é diarréia que parece mingau ou goma; mas ela pode também ter fraqueza, emagrecimento e palidez. Se não for tratado o doente de *Whíokali* vai ficando fraco, pálido e magro; o pitiú do peixe vira uma cobra que vai crescendo na barriga; ela vai enfraquecendo o doente, que pode morrer. Essa doença nunca se cura sozinha.

Whíokali é uma doença que aparece principalmente em quem não obedece as costumes de alimentação dos Baniwa, naquelas pessoas que não fizeram um bom *Kalidzamai*, é quando o indivíduo pega uma fraqueza qualquer e fica incapaz de resistir ao perigo dos alimentos. Todas as doenças dessa família são causadas pela falta de obediência ao jejum e as costumes de alimentação Baniwa:

Outras coisas também podem ajudar para aparecer essa doença, como por exemplo:

- Misturar alimentos, como caça e peixe na mesma refeição;
- Não tomar banho antes de comer;
- Pescar ou tratar peixe ou caça e não lavar as mãos que ficam sujas com o pitiú do animal; neste caso, se a pessoa se alimentar sem lavar as mãos, fica ainda mais arriscado de pegar a doença.
- Quando comeu alimentos que não foram benzidos ou que não foram temperados com pimenta;
- Se a mulher estiver parida;
- A pessoa que esteja doente, picada de cobra;
- Mulher menstruada;
- Quando o rapaz está virando homem, no tempo do *Khewikani* e no caso da moça quando ela menstrua pela primeira vez, no tempo de *Kathaitakalla*.

Os alimentos são perigosos e seu pitiú pode provocar essa doença; a melhor maneira de evitar que isso aconteça é fazer os rituais *Kalidzamai*, as rezas e jejuns que o pai e a mãe tem que fazer depois que nasce a criança; o *Kalidzamai* também é feito depois que a criança já está grandinha e vai começar a comer peixe e caça.

Esses rituais são muito importantes para evitar que essa criança venha a ter *Whíokali* quando crescer. Quando os pais não fazem esse jejum a pessoa tem maior risco de pegar *Whíokali*, principalmente depois do parto ou de alguma situação em que ela fique fraca.

Crianças e pescadores são mais arriscados de pegar essa doença porque as crianças gostam de colocar tudo na boca e podem morder peixe cru ou beber água de canoa ou vasilha com peixe cru; os pescadores porque tem muito contato com pitiú de peixe e se não forem cuidadosos com a limpeza das mãos e dos instrumentos de pesca podem pegar a doença. A pessoa com *Whíokali* não pode comer peixe porque isso fortalece a cobra e enfraquece o doente; este também deve evitar frutas doces como a sorva porque a cobra também gosta disso; basta lembrar que na história foi a sorva que fez o filhote-cobra de *Omáwali* sair da barriga da mãe para procurar essas frutas.

Tipos de *Whiokali*:

- ***Ttooli***: pode ser considerado um tipo de *Whiokali*, mas acontece devido a pessoa comer peixe reimoso ou mal cozido.
- ***Iraittoole***: também é uma doença que dá diarreia com sangue, mas os informantes acham que é mais um tipo de doença de branco; podem aparecer muitas pessoas doentes nas comunidades na época do verão quando os igarapés estão secos. Alguns informantes dizem que essa é uma “doença passageira”, porque ela passa de uma pessoa para outra; ela se cura sozinha, sem tratamento, o que não acontece com *Whiokali*.

Existem dois tipos de *Iraittoole*, um que é “doença passageira”, isto é, passa de uma pessoa para outra e se cura sozinho. Quando um doente com *Iraittoole* não cura, aí já se sabe que a doença é *Whiokali*.

- ***Porákali***: é uma doença que aparece com diarreia, fraqueza, emagrecimento; o doente pode ter vontade de comer terra. É uma doença que pode acontecer com um rapaz que não cumpriu a dieta certa, no tempo de virar homem ou com pessoas que não tiveram um *Kalidzamai* bem feito.

Como todas as doenças Baniwa a doença *Whiokali* tem mais de uma história que explica como ela apareceu no mundo. Existe outro Mito que explica como essa doença apareceu; essa história é a seguinte:

Nāpirikoli casou com uma mulher-piranha, filha do povo de piranha. Um dia foi visitar os parentes de sua esposa mas ele sabia que os parentes de sua mulher queriam comê-lo. Então, para poder tomar banho ele teve que vestir uma “camisa” que era uma máscara; aí, ele se transformou em andorinha e pôde tomar banho, mergulhando bem depressa na água e não ser comido pelos peixes piranha. Quando voltou para a casa, seu sogro trouxe peixe para ele comer; ele só trouxe peixe com esporões. *Nāpirikoli* estava com o Socó, Ônoli, que era seu amigo; o Socó que estava com fome, comeu os peixes crus bem depressa e ficou engasgado com a espora de um dos peixes; *Nāpirikoli* então, benzeu os peixes com pimenta que colocou no peixe; aí ele fez o primeiro peixe cozido; fazendo assim, ele quebrou também os esporões deixando os peixes menos perigosos. O Socó ficou com a garganta ferida pelo esporão do peixe, *Nāpirikoli* tratou dele mas desse fermento causado pelo esporão de peixe foi que o *Whiokali* se espalhou no mundo e acontece até hoje. Desse mesmo fermento na garganta apareceu também a doença *Dzeewhemi*. Essa história lembra ainda que às vezes se tem um inimigo que prepara uma comida com veneno para dar para ela, mas acontece do alimento pegar outra pessoa que não tem nada a ver com a história, que pode então adoecer, como aconteceu com o Socó; o sogro-piranha queria matar *Nāpirikoli*, mas quem adoeceu foi o Socó.

Não esqueça de que esse Mito está ligado aquele outro em que a mulher de *Nāpirikoli* teve relações sexuais com a cobra *Omáwali*. Nas duas histórias a doença é causada pelo cheiro do peixe, o pitiú; como todos os peixes são filhos de *Omáwali*, eles são da família das cobras. Os peixes-piranha que queriam matar *Nāpirikoli* com o esporão são também filhos de *Omáwali*. As duas histórias falam das lutas entre as pessoas e os peixes, que aconteceram nos tempos antigos; os seres humanos ganharam essa luta mas ainda hoje sofrem a vingança dos peixes.

Existe também *Whiokali* de caça, que é causada pelo pitiú do animal.

Doenças causadas por *Yóopinai*

Yóopinai ou Manjuba é um tipo de gente que não é como nós humanos; para nós eles aparecem como borboletas, lagartos, sapinhos e outros bichos, mas na verdade eles são da família dos espíritos. Existem muitas classes de *Yóopinai*: os da água são chamados de *Omawalinaí*, os do ar tem nome de *Maapadadanai*; *Yóopinai* da terra são *Kewakamalinaí*. Também existem os *Yóopinai* dos peixes chamados *Mandekai*; os de igapós e da beira dos rios tem nome de *Wikolinaí*. Nem todo mundo reconhece todos esses tipos de *Yóopinai*.

Quando uma pessoa não toma banho nem lava a boca e as mãos para comer ou come suado, se torna inimigo dos *Yóopinai*; o cheiro de suor e dos líquidos do corpo das pessoas também podem atrair *Yóopinai*. Eles podem atacar a pessoa suja, causando doença tipo dor de corpo, inchaço, feridas que apodrecem o corpo e paralisia. Outros informantes dizem que ele não fica com raiva, mas o cheiro do suor deixa a pessoa visível para eles que então brincam com ela; como essas brincadeiras são um pouco brutas, a pessoa pode ficar doente.

Os *Yóopinai* também tem as suas famílias; cada família tem a sua moradia certa nos rios da região. Tem uma família que vai da foz até Tunuí, depois tem um outro tipo que é do Cuiari; a terceira família vai do Cuiari até o Aiari e a última família mora na cabeceira do Içana.

Quando uma pessoa mora numa comunidade, as famílias de *Yóopinai* que moram por ali se acostumam com ela; se a pessoa for viajar, as famílias de *Yóopinai* que moram nos outros lugares não reconhecem ela como moradora e podem atacar; por isso é que quem viaja deve ter muito cuidado com a limpeza do corpo tomar bastante banho e evitar mau cheiro. É preciso tomar banho bem cedo, antes dos *Yóopinai* tomarem banho ou começarem a andar por aí; se a pessoa for tomar banho depois que eles já acordaram, eles podem deixar doença pelo caminho e a pessoa pegar. Só assim é possível evitar ataque dos *Yóopinai*. Esses espíritos reconhecem as pessoas pelo cheiro, por isso é que quando as mulheres estão menstruadas ou paridas elas usam a resina cheirosa de *Orokai*, que serve para afastar os *Yóopinai*.

Um dos principais jeitos de saber que a pessoa pode ficar doente por *Yóopinai* é quando a pessoa tem sonhos sexuais; esses sonhos podem ser considerados como influência de *Yóopinai*; quando isso acontece é melhor o sonhador ficar quieto em casa porque ele pode se acidentar e adoecer se for para a roça ou para a pescaria. Alguns informantes dizem que *Yóopinai* sopra flechinhas, tipo *Walama*, outros dizem que só os Pajés verdadeiros podem provocar *Walama* e que os *Yóopinai* fazem é colocar pedras no corpo do doente; o Pajé pode chupar essas pedras.

Ataques de *Yóopinai*, provocando doença são mais comuns em pessoas que não fizeram as dietas e rituais *Kalidzamai*. Os costumes Baniwa ensinam que quando nasce uma criança seus pais devem jejuar, não trabalhar na roça e nem pescar, durante pelo menos uma semana, para purificar e fortalecer o corpo da criança para resistir a ataques de *Yóopinai*. Quando isso não é feito a criança fica fraca, vive adoecendo e se não for benzida logo cedo para resolver o problema, vai ser sempre doentia.

As pessoas que estão no tempo do *Khewikani* e do *Kathaítakalla*, mulheres menstruadas, grávidas ou paridas são preferidas pelos *Yóopinai*, por isso elas precisam ser bem olhadas pelos parentes e tomar mais cuidado do que os outros. Para os velhos, as pessoas nessa situação tem que avisar os parentes e evitar ir na roça ou na mata, pois os *Yóopinai* podem atacá-las, aí elas podem ficar doentes ou, se a doença não pegar nelas, pode acabar acertando nos outros que ficam prejudicados por elas estarem assim.

Quando a criança que não teve *Kalidzamai* cresce, ela vive adoecendo; rezas, plantas e outros medicamentos poderão ser usados mas eles só servirão para "agüentar", isto é para melhorar os sintomas de doença, sem garantir uma cura completa. Quando os anos vão passando a pessoa vai ficando mais fraca aos ataques e tem reumatismo e muitas outras dores; quando fica velha sente muita dor nas juntas e elas ficam duras.

Tudo isso acontece porque não teve os rituais de proteção na infância. O adulto sofre as conseqüências de seus pais não terem feito os rituais de jejum para o filho; as novas gerações pagam pelo que gerações mais velhas fazem.

Os *Yóopinai* também castigam as pessoas que não estão cumprindo suas obrigações; eles cuidam do mundo e acham ruim quando as pessoas não estão cumprindo seu dever de limpeza, de dietas, de cuidado de não pescar e nem caçar demais. Eles podem matar essas pessoas que abusaram; essas mortes são feitas no sonho; *Yóopinai* mata quando a pessoa está dormindo.

Alguns informantes dizem que, como já não existem mais Pajés muito poderosos, só quem tem poder de usar os trovões para fazer mal ou para matar alguém, são os *Yóopinai*; boa parte das doenças de *Walama* são atualmente feitas por *Yóopinai* porque os Pajés que existem já não são poderosos o suficiente para fazer isso.

Existe uma época, no início do mês de Julho até Setembro, em que os *Yóopinai* podem ficar mais agressivos e causar muitos temporais com trovão e doenças. Antigamente, quando este tempo se aproximava, os velhos benziam as comunidades para proteger as pessoas; eles usavam cigarros para benzer, durante toda noite, uma panela com breu e *orokai*: eles fechavam bem a panela, colocavam no fogo e depois defumavam toda a comunidade para evitar as doenças do ar, como *Walama* e doenças causadas por *Yóopinai*.

Esse costume começou com *Ñapirikoli*; ele criou muitas fruteiras mas elas não davam frutas, aí ele roubou frutas dos *Yóopinai*, que ficaram bravos e queriam se vingar. Todo ano, na época em que as frutas começavam a amadurecer os *Yóopinai* se lembravam do roubo, ficavam com raiva e mandavam temporais para a aldeia de *Ñapirikoli*. Por causa disso, quando chegava o mês de Julho, ele começava a benzer todo o seu pessoal para protegê-los da fúria dos *Yóopinai*, ficava fazendo isso até o final da época dos temporais, em setembro.

Para muitos informantes não existe uma diferença importante entre doenças causadas por *Yóopinai* e por Pajé. Os Pajés seriam humanos capazes de usar os poderes sobrenaturais dos *Yóopinai*, causando doenças; o Pajé verdadeiro "está com *Yóopinai*", isto é tem os poderes de *Yóopinai*, que ele consegue usar no Maracá, no *Pariká* e no cigarro.

Os Pajés de hoje teriam perdido grande parte de seu poder porque não tem seu material completo para curar doentes e ir na parte mais alta do céu; por isso eles tem dificuldade de curar as doenças e fazer "zoar o trovão". Existe *Walama* que só pode ser jogado por *Yóopinai*; só se o Pajé for muito poderoso é que ele pode ser capaz de jogar também este tipo de *Walama*.

Existe uma história que explica que como os *Yóopinai* apareceram no mundo:

Isso começa com *Kowai*, ele foi o tronco onde começaram coisas ruins e também remédios que podem curar pessoas. Antes não existiam os *Yóopinai*, só os *Awakarona*, os Curupira; *Kowai* estava ensinando eles para ser Pajé.

Antes de se apresentar no ritual *Khewikani*, *Kowai* mandou um *Awakarona* fazer um tipo um chá de *Whéero*; o remédio não era para fazer mal, mas para preparar os rapazes para ouvir o benzimento que era ensinado no *Khewikani*. Só que um dos Curupira se apressou, foi lá e tomou o *Whéero*; ele fez errado, fez igual ao Socó, que comeu peixe cru.

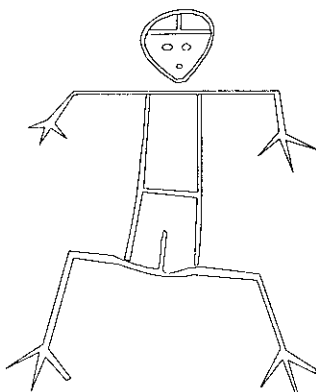
Na hora que o *Kowai* estava zoando porque ia se apresentar para as pessoas que estavam no *Khewikani*, o curupira que tomou o *Whéero* ficou com medo do barulho de *Kowai*, porque sabia que tinha feito coisa errada; aí ele correu para o mato e se transformou em *Yóopinai*. As doenças de *Yóopinai* dão coceira e ferida, porque o *Whéero* coça e fere a pele. Desse *Yóopinai* que tomou o *Whéero* é que apareceram os *Yóopinai* e as doenças deles.

Quando o *Kowai* foi queimado, a planta *Whéero* nasceu de novo do seu figado; é uma planta de veneno, dela surgiu *Yóopinai*, já é parte da vingança de *Kowai*.

Outros informantes contam que *Yóopinai* apareceu do uso errado de *Malikai*:

Existiam umas pessoas aprendendo a ser Pajé, eram os filhos de *Eeri* que queriam ser Pajé; eles estavam mexendo nos instrumentos de Pajé do pai, sem dizer nada para ele. Eles usaram *Pariká*, mas era muito forte e eles não agüentavam; *Eeri* ficou sabendo que eles estavam usando *Pariká* escondido aí resolveu ensinar para eles fazerem direito.

Eeri ensinou seus filhos a usar o *Pariká* mas era muito forte para eles; os filhos não agüentaram e ficaram doidos. Uns subiram para o céu, ficando no ar, outros foram para água e outros ficaram na terra. Desses aprendizes de Pajé que endoidaram com o *Pariká* é que apareceram os *Yóopinai* do ar, da água e da terra. Alguns *Yóopinai* conseguiram se transformar e ficar invisíveis, mas outros não conseguiram ficar assim e ficaram pássaros como arara, passarinhos e outros bichos.



Os principais tipos de doenças causadas por *Yóopinai* são:

- ***Hiipami* ou *Hiipamiyawa*:** são feridas na pele que custam muito a sarar ou não saram nunca; outras pessoas dizem que essas feridas não são só na pele, podem acontecer também dentro do corpo. Para algumas pessoas, *Hiipami* é o nome da doença e *Hiipamiyawa* é o nome da ferida que fica na pele.

Podem existir três classes de *Hiipami*: uma que vem dos *Yóopinai* de animais de terra, uma que vem de *Yóopinai* de peixes e a última que é própria de *Yóopinai* do ar.

Alguns informantes dizem que para os brancos *Yóopinai* é "micróbio" este "micróbio" chupa a pele da pessoa como o piom chupa a pessoa, só que não se pode ver nem *Yóopinai* nem os micróbios.

- ***Hipolerhi*:** doença de olho, com dor e o crescimento de uma camada branca que cobre o olho, causando cegueira; é provocada por um *Yóopinai* chamado *Mapolhédawaro*. Esse *Yóopinai* manda um microbiozinho, tipo um micuim, que entra na vista da pessoa e forma um ponto branco que pode cegar; se isso acontecer com uma criança pode até espocar o olho dela.

Para outros informantes *Hipolerhi* é causado por uma borboleta que é um *Yóopinai*; se o vento bater na borboleta ela solta uma sujeira que se espalha no ar e pode entrar no olho; nessa sujeira da borboleta é que estão os micuins que entram no olho;

- ***Hirimaka*:** nessa doença a pessoa sente dor em todo o olho, como na "dor de olhos". É uma doença de *Yóopinai* do ar; ele deixa como se fossem teias de aranha no ar e na poeira; se a pessoa anda no mato pode pegar a doença e sentir coceira e ardor, como se os olhos estivessem cheios de teias de aranhas ou como se aranhas estivessem mordendo.

Tanto *Hirimaka* quanto *Hipolerhi* podem ser causadas por *Yóopinai*, mas o que facilita a pessoa pegar a doença é se ela "se descuida" e pega vento e poeira que atacam a vista. Se a doença se resolver sozinha, é considerada como doença leve, mas se o ferimento aumentar e o olho apodrecer, então o problema passa a ser considerado doença causada por *Yóopinai*.

Essas doenças de cegueira foram invento de *Ñapirikoli*; ele fez para o inimigo dele, *Kowai* não enxergar. *Ñapirikoli* disse para *Kowai* não olhar para ele sem licença; quando *Kowai* quisesse olhar teria que antes pedir autorização. Na verdade *Ñapirikoli* não queria que *Kowai* descobrisse que *Ñapirikoli* estava planejando mata-lo no fogo. *Kowai* olhou sem pedir licença, aí *Ñapirikoli* soprou a doença nos olhos dele.

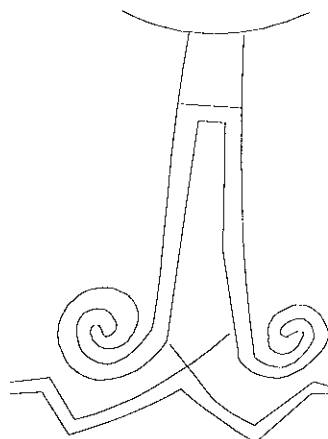
Depois que *Kowai* morreu queimado, a força do seu espírito ficou na forma de vento e jogou suas cinzas em *Ñapirikoli* procurando matá-lo; ele se desviou e a cinza pegou no olho de *Eeri*, que ficou doente. A cinza que *Kowai* jogou era vingança dele; a cinza era também o sangue dele, por isso essa doença é muito forte; quando a pessoa adoecer, se custar muito a dar remédio a doença mistura com o sangue da pessoa e aí não cura mais. É por isso que *Hipolerhi* e *Hirimaka* são doenças que são levadas pelo vento, para o olho das pessoas.

Dzooli então foi fazer remédio para *Eeri*; ele fez o remédio numa cuia para o irmão dele usar, mas depois de usar ele devia devolver para o *Dzooli*; em vez de devolver, *Eeri* jogou fora. *Dzooli* ficou com raiva e então disse que essa doença ia ficar para sempre no mundo futuro; do remédio que *Eeri* jogou fora ficaram as plantas para tratar essa doença. Conforme *Dzooli* falou, os remédios para tratar a doença iam existir tanto no mato como na casa; essa casa que ele falou, significa a roça onde as plantas são cultivadas.

Continuação das Doenças causadas por Yóopinai...

- **Paixakada:** é o nome para todas as doenças em que apareça pus, dor, inchaço e calor no local doente. Existem dois tipos de *Paixakada*: *Kopiñhaim* e *Wikolimi* que é um abscesso muito grave que dá na garganta e no ouvido da pessoa depois que um *Yóopinai* flecha ela. Se não for tratada essa doença pode matar.
- **Kopiñhaim:** é um tipo de *Paixakada*, é um tumor que aparece com calor, dor e vermelhidão na pele; depois de alguns dias aparece o pus. Alguns informantes dizem que é flechada do *Yóopinai* de peixe chamado *Mandekai*. Esse tipo de abscesso aparece só na pele e não é uma doença grave; pode curar sozinha.
- **Paapakapemi:** é uma doença que começa somente com uma pequena ferida na pele e vai se espalhando, aumentando em número e tamanho; pode entrar no corpo e nesse caso pode matar com rapidez. Alguns informantes dizem que essa não é bem uma doença de *Yóopinai* e sim um tipo de sopro, feito por outra pessoa, devido ao ciúme ou inveja; outros dizem que é um tipo de sopro feito por *Yóopinai*; quando é doença de *Yóopinai* a doença aumenta devagar, se a doença se espalhar depressa é porque é sopro.
- **Doenças dos Awakaronanai** os curupiras da floresta:
 - **Pákawaiixakawa:** é uma inflamação, com dor, na perna; dificuldade de se movimentar e se apoiar na perna; com a doença a pessoa pode não sentir a perna ou se sentir como se estivesse fora do seu corpo.
 - **Envenenamento pela urina dos Awakaronanai:** se a pessoa tocar sem querer a urina deixada por *Awakaronai* ela pode sentir dor e queimadura na pele onde a urina pegou.
 - **Dor nas costas, causada por flechadas de Hoiniri.**

Às vezes é muito difícil saber se uma pessoa está doente de *Hiwiatti* ou de *Yóopinai* porque as doenças são parecidas. Para saber qual a causa certa da doença é preciso entender os sonhos do doente ou consultar um Pajé; se isso não for possível, pode-se fazer o tratamento para *Hiwiatti*, se a reza não resolver o problema, então é preciso fazer o tratamento para *Yóopinai* e assim por diante.



Doenças que vieram de Kowai

Kowai é o filho de *Ñapirikoli* e *Amaro*; ao mesmo tempo que ele era uma pessoa, era também tudo o que existe no mundo: as plantas, os animais, a água, a terra, tudo o que existe era parte do corpo dele, menos o fogo. *Kowai* era muito poderoso e perigoso, por isso, quando ele nasceu *Ñapirikoli* mandou deixar ele isolado no céu, longe das pessoas. *Kowai* não deixou apenas o mal; ele ensinou, para *Dzooli*, as rezas para tratar doenças e deixou o ritual *Khewikani* que torna os meninos homens e os ensina a respeitar a sabedoria dos velhos. Essas coisas são importantes para que o povo Baniwa continue a existir.

A história de *Kowai* é muito longa e não vai ser possível contar toda ela aqui, por isso vamos contar só a parte da história que explica como apareceram as doenças.

Ñapirikoli tinha quatro filhos que estavam crescendo; eles ficavam brincando de dançar e colocar cabas num camoti para elas fazerem um barulho que imitava *Kowai*. Ele viu aquilo do céu e desceu, porque sabia que era sua obrigação ensinar ritual *Khewikani*, para ficar para os que iam nascer no futuro. *Kowai* desceu do céu e conversou com os meninos, perguntou se eles queriam fazer o ritual dele, o ritual de verdade e não só aquele de brincadeira; ele avisou que os meninos teriam que fazer muito jejum e eles aceitaram; *Kowai* subiu para o céu e prometeu voltar.

Quando ele voltou começou o jejum, os cânticos, os açoitos, enfim, as coisas que são feitas no *Khewikani*. *Ñapirikoli* começou a notar que os meninos não comiam e desconfiou que eles estavam conversando com *Kowai*. Então ele esperou *Kowai* para combinar como ia ser o *Khewikani*. *Kowai* chegou e explicou tudo o que tinha para ser feito e disse que os meninos teriam que fazer jejum por duas estações secas e na terceira poderiam comer todo tipo de peixe com pimenta; depois desse tempo e dessas obrigações os meninos estariam prontos para ser adultos.

Quando estava bem perto de terminar o tempo de jejum, *Kowai* chamou os filhos de *Ñapirikoli* para pegar frutas do mato; ele já estava preparando a comida com pimenta para os meninos comerem quando terminasse o jejum. Eles foram para o mato, *Kowai* subia nas árvores e jogava fruta para eles apararem embaixo, mas não eram ainda para comer, só quando *Kowai* mandasse.

Os meninos não agüentaram a fome e assaram o uacú para comer escondido; dos quatro meninos, três comeram, o mais novo não comeu, ficou só olhando. A fumaça do assado cegou *Kowai*; a desobediência dos meninos fez ele desmaiar; foi assim que ele descobriu o que tinha acontecido e ficou com muita raiva. Quando acordou do desmaio perdeu o controle e comeu os meninos; só escapou um, o que continuava em jejum. Quando isso acabou, *Kowai* subiu para o céu, ele sabia que *Ñapirikoli* ia querer se vingar da morte dos filhos.

Ñapirikoli viu que os filhos estavam mortos, só tinha escapado o mais novo. Para se vingar de *Kowai*, então ele fez uns bonecos que pareciam gente, parecia que os meninos estavam vivos; era para enganar *Kowai*, fazer ele pensar que nada tinha acontecido. Depois ele mandou um inseto convidar *Kowai* para descer e continuar o *Khewikani* e poder terminar o jejum que *Ñapirikoli* e o menino mais novo ainda estavam fazendo.

Kowai veio completar o ritual; ensinou todas as rezas, benzeu a comida, cantou, dançou, tomou caxiri e ensinou tudo o que teria que ser feito daí para frente, para as gerações futuras. Quando terminou tudo, *Kowai* sabia que *Ñapirikoli* ia mata-lo; era *Likoadawa*, a lei da vingança pela morte dos meninos. Aí ele avisou que só o que podia acabar com ele era o fogo, porque todo as armas eram parte do corpo dele, não poderiam matá-lo.

Ñapirikoli fez uma fogueira bem grande e chamou *Kowai* para dançar; eles dançaram e cantaram muito tempo, depois *Ñapirikoli* empurrou *Kowai* para dentro do fogo. *Kowai* queimou todo; no local onde ele foi queimado ficaram só cinzas onde nasceram os venenos *Manheni*, que causam doenças; da fumaça que saiu do corpo de *Kowai* surgiram os sopros mais fortes, que matam as pessoas. Era o troco, a vingança de *Kowai* por sua morte. Neste local nasceu também uma grande paxiúba que ia até o céu; dessa paxiúba é que se fazem as flautas que são tocadas no ritual *Khewikani* que é feito até hoje para os meninos virarem homens.

As principais doenças que vieram de *Kowai* são os sopros *Hiwiatti*, as doenças de mulher, as doenças de branco e os venenos *Manheni*.

Hiwiatti

O *Hiwiatti* ou sopro, é um outro grupo importante de doenças da tradição Baniwa. *Hiwiatti* é o contrário do benzimento, a diferença está na intenção, que pode se curar no caso do benzimento, ou matar, no caso do sopro.

Os tratamentos para *Hiwiatti* são as rezas e as plantas medicinais. As rezas são feitas pelos benzedores e as plantas são bem conhecidas pelas pessoas nas comunidades.

Nas rezas para tratar doenças o benzedor diz o nome de coisas boas, como frutas doces, alguns pássaros e seres do bem; para fazer sopro o soprador diz o nome de animais agressivos, ou seres maus; nos sopros fortes que querem matar diz-se o nome dos espíritos dos mortos *lñaimi*. O soprador pode falar bem baixo a sua oração do mal no cigarro e a joga no ar com a fumaça; também pode deixar a bagana de cigarro, com o sopro, no caminho da vítima. Substâncias agressivas podem ser sopradas no corpo ou nas roupas do soprado; quando o soprador é poderoso basta apenas cuspir no caminho da vítima, fazendo também a reza do mal, para fazer o efeito desejado. Sopro pode ser feito para provocar doenças, mas também pode também causar desentendimentos e brigas nas comunidades.

Os sonhos dos doentes são importantes para tentar saber se a doença é sopro, *Manheni* ou outra coisa; por exemplo, se o doente sonhar com fita ou com vela, já se sabe que está sendo vítima de uma macumba de vela, que está sendo feito para ela. Se a pessoa sonha com missa, com reza, cantando na Igreja, significa que vai chegar um branco; se sonha com lojas ou com a vida na cidade, quer dizer que chegará um branco que vem de longe, da cidade; se sonhar com palmeira, subindo numa árvore alta ou caindo da árvore, quer dizer que alguém pode adoecer de *Walama*; sonhar com carará ou garça é aviso que a pessoa pode ter febre e dor de cabeça.



Doenças da família *Hiwiatti*

- ***Iñaimi imepékami***: é um sopro que provoca dor e fraqueza no peito; é feito com reza do mal, usando o nome dos espíritos dos mortos, procurando matar a vítima.
- ***Omawali iwepemi***: o corpo da pessoa fica se torcendo como cobra, a cabeça vira e os braços se torcem como se fossem amarrados, numa espécie de “ataque”.
- ***Kadawakami***: o soprado dá ataque, desmaia e morde a língua, que pode sangrar.
- ***Kooloipemi***: é um “caroço” ou “bola” cheio de líquido transparente, que pode aparecer no corpo; não tem pus nem calor; outros informantes chamam essa doença de *Ikolonitti* e outros de *Wádzai*.

Para alguns velhos a doença é causada por um soprador que fica com raiva quando a pessoa não deu um recado que foi encarregada de dar. Outros dizem que essa doença é causada pela mistura de comidas, certos tipos de frutas, como *Wará* e piquiá, com peixes e rãs, ou de saúva com peixe. Quando a mistura de alimentos acontece na infância, é mais fácil da doença aparecer.

Se os pais de uma criança não seguiram o jejum que tem que ser feito quando nasce um filho, a criança pode pegar essa doença com facilidade. O corpo em crescimento, não aceita a mistura e não tem forças para resistir ao efeito de alimentos misturados. A bolota do *Kooloi* é um depósito com as misturas que a pessoa comeu.

- ***Koliri ipákami***: são feridas que apodrecem o corpo; algumas pessoas dizem que é uma doença parecida com o efeito de uma árvore da mata, que também faz apodrecer o corpo da pessoa.
- ***Maalittalemi***: é um sopro em que a pele vai formando cascas, como se fosse cobra trocando de pele.
- ***Nenipe idzamikada nawawaliko***: é um sopro que faz a criança morrer na barriga da mãe; ao nascer já está morto. É feito por homem que queria casar com a moça e não conseguiu; as vezes é a família do homem que faz ou manda fazer o sopro. O sopro faz a mulher ficar estragada; todas as vezes que ela engravida a criança morre.
- ***Dzaaliopemi***: é um sopro que dá inchaço na mão que fica dobrada, sem forças; no lugar onde entrou o sopro fica doendo forte e a dor pode se espalhar pelo corpo todo até chegar no coração; se isso acontecer a pessoa pode morrer.
- ***Komadeewhemi***: a doença é traduzida em português como hérnia, que é provocada por sopro; Algumas pessoas chamam a doença de *Komadeewhemi*, porque é parecida com ovo de pato. Para alguns informantes existe a hérnia escrotal, chamada de *Thiothionali* e a hérnia do umbigo que é chamada de *Komadeewhemi*. Outros dizem que só é *Komadeewhemi* quando aparece a hérnia pelo corpo todo e não em um só lugar.
- ***Maneepemi***: sopro que provoca dor no pé; é comum a pessoa pegar esse sopro em São Gabriel.
- ***Padzawaropemi***: febre e tremedeira no corpo que pode acontecer no dia seguinte, quando uma pessoa toma bebida tradicional que foi soprada por um inimigo.
- ***littitopemi***: quando acontece este tipo de sopro a pessoa fica com bicho de pé na mão e nos pés e não pode andar; se for bicho de pé comum a pessoa fica logo boa, se não curar é porque é um sopro.

Outros tipos de Hiwiatti...

- **Mathikaimi:** é um nome para qualquer doença dos olhos que pode deixar a pessoa cega. Alguns informantes dizem que o *Mathikaimi Hiwiatti* apareceu com a fumaça que *Ñapirikoli* soprou em *Kowai* para cegá-lo, para que *Kowai* não visse que ia ser jogado no fogo que o matou; nessa doença a vista fica vermelha, “enfumaçada”, embaçada como se o olho estivesse cheio de fumaça.

Existem outros tipos de cegueira *Mathikaimi* que não são sopros:

- *Peepe Itawiñakawa Pathiriko* que é “carne crescida” no olho

- Cegueira que pode ser causada por plantas venenosas colocadas no olho. Essas plantas venenosas apareceram nas guerras que aconteceram entre *Ñapirikoli* e *Kowai*; alguns *Kapoliro*, se forem usados errados quando colocados no olho também podem cegar; essas plantas podem causar cegueira, mas quando isso acontece, não é sopro.

- **Iraidalimi:** é qualquer tipo de hemorragia que pode acontecer em cortes, ferimentos, excesso de menstruação e perda de sangue no parto; todos esses são *Iraidalimi*. É um tipo de *Hiwiatti* e pode ser tratado com reza e com remédios do mato;
- **Lipitakarhoami Ienipettii ou Lipitakarowhami Kowai:** é a água/sangue que está dentro da barriga da mãe onde fica a criança; se houver alteração no caminho que a criança abre para nascer pode acontecer hemorragia depois do parto;
- **Hiiko kadanakoni maliome Ienipettii:** nesse sopro a criança começa a morrer na barriga da mãe e não resiste ao nascimento; o problema pode ser causado por chá de formiga tocandira ou qualquer outro tipo de inseto que ferra e cause dor; o chá é soprado; o autor do malefício também pode esmigalhar os insetos e misturar à roupa da mãe; a mulher muitas vezes não sabe que está assoprada e que sua criança está ferida e enfraquecida e pode morrer antes ou durante o parto.
- **Keettalimi:** nesse caso a criança nasce bem, mais vai enfraquecendo porque o leite da mãe está estragado pelo sopro e provoca diarreia e vômito; a criança não ganha forças, não cresce e vai emagrecendo. O sopro é feito por alguém que queria casar com a mulher e não conseguiu, soprou então o seu corpo, “estragando” seus seios e o leite materno. O tratamento é suspender o leite materno e benzer o mingau que a criança começa a comer.
- **Dzeewhemi:** é um tipo de doença que dá fraqueza, cansaço, magreza, palidez e uma tosse que não pára nunca, mas o doente não tem sinais de gripe, a pessoa só tem a coceira na garganta, por isso ela tosse. Os informantes chamam essa doença, em português, de tuberculose; em Baniwa ela é também chamada de *Weekapemi pawedaliko*, por causa da tosse que não passa.

Para muitos informantes, *Dzeewhemi* pode ser causada tanto por veneno como por sopro; eles recomendam que se tente primeiro curar o doente com plantas, porque a tosse pode ser causada por veneno; se não conseguir cura é sinal de que é doença causada por sopro, então deve procurar benzimento que é mais eficaz para esses casos. Para os informantes, *Dzeewhemi* não é uma *doença de branco*, pois existe “desde os começos”, muito antes de aparecer o branco; eles não acreditam que a doença seja transmitida de uma pessoa para outra, mas a doença pode atacar muitas pessoas na comunidade, porque podem ter envenenadores fazendo mal e tentando matar pessoas com *Manheni*.

Para alguns informantes *Dzeewhemi* apareceu na história em que o Socó comeu os peixes com esporão, na casa do sogro de *Ñapirikoli*; o esporão que deixou o Socó engasgado também deixou ele com tosse; dessa tosse é que apareceu *Dzeewhemi*.

As rezas são os principais tratamentos para *Hiwiatti*

Existe uma história que conta como apareceram as plantas medicinais, os sopros e as rezas no mundo.

Dzooli, aprendeu com *Kowai* os saberes sobre os benzimentos e as plantas medicinais e ficou responsável de ensiná-los para as gerações futuras. No início dos tempos não haviam plantas medicinais mas existia uma grande árvore chamada *Waapa*, foi dessa árvore que nasceu o *Kapoliro*.

A árvore *Waapa* nasceu nas cinzas de *Kowai*, mas ela apareceu pela primeira vez, quando *Kowai* comeu os três filhos de *Ñapirikoli*, no primeiro ritual *Khewikani*. *Ñapirikoli* criou a árvore para poder enganar e matar *Kowai* como vingança pela morte de seus filhos. Quando soube que os rapazes estavam mortos, *Ñapirikoli* pegou *crajirû* e desenhou três bonecos; depois ele pegou o cigarro, benzeu e disse: agora essa árvore vai ser acompanhante das pessoas que morreram; ele acendeu o cigarro, soprou na terra e nasceu a árvore de *Waapa*; o resto do cigarro ele colocou num galho de árvore; o cigarro foi esquentando as frutas do *Waapa*, com o calor as frutas começaram a explodir, fazendo um barulho que parecia gente. A pintura de *crajirû*, a reza e o barulho das frutas de *Waapa* fez os bonecos ficarem parecendo pessoas vivas. Era isso o que *Ñapirikoli* queria: enganar *Kowai* e fazer ele descer do céu para poder matá-lo. *Kowai* viu os bonecos, pensou que eles estavam vivos e nem se preocupou mais com a morte deles. Quando ele desceu, *Ñapirikoli* aproveitou para matá-lo.

A árvore de *Waapa* nasceu de novo nas cinzas de *Kowai*, porque ela é acompanhante das pessoas que morreram. Depois *Dzooli* pegou um galho do *Waapa* que tinha nascido das cinzas e plantou de novo, daí nasceu o *Kapoliro* e outras plantas medicinais.

As rezas e os remédios do mato apareceram do cigarro que *Dzooli* usou para proteger seus irmãos, quando eles foram visitar os cunhados, os macacos *Eenonai*, que eram donos do veneno. Para evitar que eles fossem envenenados, *Dzooli* benzeu uma bebida que foi feita pela tia deles, para proteger os irmãos da morte certa. O irmão mais novo de *Dzooli* disse que não ia para a casa dos cunhados por isso não tomou a bebida benzida; depois ele mudou de idéia e foi para lá, sendo envenenado e morreu. Essa foi a primeira morte humana; foi daí que a morte se espalhou no mundo.

Quando *Dzooli* benzeu, com o cigarro, a bebida para proteger seus irmãos contra o veneno, apareceram as primeiras rezas; depois ele jogou o bagaço do cigarro fora e das cinzas deste bagaço, apareceram os remédios do mato. Ele fumou um segundo cigarro e as cinzas do cigarro se espalharam com o vento, por todos os rios da região, servindo como sementes para essas plantas.

As plantas medicinais são tratamentos parecidos com os benzimentos, podendo às vezes substituir as rezas. Os tratamentos foram criados por *Dzooli* no começo do mundo; no mesmo ritual ele criou as rezas e as plantas medicinais.

Dzooli deu nome a todas as rezas que aprendeu com *Kowai*; ele ensinou os seres humanos, que ensinaram para os seus descendentes. No igarapé *Uaranã*, *Kowai* fez um *Khewikani* e ensinou os benzimentos para *Dzooli* e os sopros para *Eeri*, o irmão mais jovem de *Ñapirikoli*. *Eeri* foi enganado por *Kowai*, ele aprendeu os sopros pensando que eram rezas pra fazer o bem. Os Mitos *Baniwa* ensinam que *Kowai* deixou os sopros, venenos e danos como “pagamento de seu corpo”, ou seja, como vingança por sua morte pelo fogo; essa vingança caiu sobre as futuras gerações de humanos causando doenças e desgraças até hoje. Qualquer pessoa pode usar o poder deixado por *Kowai* para fazer o mal, soprando ou colocando *Manheni* nos outros, mas quem usar essa herança ruim de *Kowai* também será castigado pelo mesmo poder.

Doenças de mulher:

Existem doenças que só acontecem nas mulheres, porque são da gravidez e do parto. Muitas doenças de mulher são da famílias dos sopros, feitos por pessoas que são invejosas ou foram desprezadas pela moça.

Para os informantes, as mulheres grávidas ficam com uma ferida dentro da barriga, é por isso que elas sangram quando tem a criança. O ferimento é causado pela criança que procura "criar caminho para nascer". Para ter uma boa cicatrização a mãe deve jejuar, não podendo comer peixe reimoso e com esporas que podem piorar o ferimento; logo depois do parto a mulher só pode tomar mingau benzido.

O marido também tem que jejuar porque ele fica fraco como a criança que está nascendo, pois o corpo do pai e da criança são como um só, tudo o que acontecer com um, acontece também com o outro. Para os informantes a mãe é só uma vasilha onde a criança é guardada.

O jejum deve continuar até o *Kalidzamai*, quando se reza e se faz comida sem sal com pimenta nova, benzida. A partir daí o pai e a mãe podem voltar a comer de tudo. Depois do *Kalidzamai* o corpo volta ao normal e não fica mais fraco.

As principais doenças de mulher contadas pelos informantes, são:

- ***Iraidalimi lenipetti Ikoawale***: é uma doença em que acontece menstruação demais na mulher que foi soprada; como ela foi soprada não consegue segurar criança no útero, por isso ela sangra muito.
- ***Kánopaka inaro ou Inopatti***: são palavras usadas para falar de menstruação normal.
- ***Dzánaali***: pano preto ou pele estragada; são as manchas escuras no rosto que aparecem em algumas mulheres depois ou durante a gravidez;
- ***Naini-ixakapemi***: a mama da mulher fica inchada, ela tem febre e muito frio;
- ***Iraidalimi e Keettalimi***: são doenças de mulher que já foram explicadas na família dos sopros, na página nº.24.
- ***Meenipepemii***: é um sopro que faz a mulher perder a capacidade de engravidar;
- ***Moonotsi***: não é propriamente uma doença, mas uma dor de cabeça que pode aparecer quando um homem usa plantas mágicas para conquistar uma mulher. Os informantes dizem que existem plantas próprias para isso.

O homem que quer conquistar mulher com essas plantas mistura a planta amassada com perfume ou desodorante e passa nas mãos. Quando ele pegar na mão da mulher para cumprimentá-la, passa o encanto para ela. Se tudo der certo e o encanto funcionar a mulher não adoce e fica apaixonada pelo homem; mas se ela comer pimenta antes que o encanto faça efeito, ela pode ter dor de cabeça forte que reaparece de vez em quando. O homem que prepara esse remédio também tem que fazer dieta e evitar a pimenta; se ele não fizer os jejuns necessários quem vai ficar com dor de cabeça é ele.

Existem plantas e rezas para tratar o problema; se a mulher desconfiar que um homem fez *Moonotsi* para ela, ela evita comer pimenta e vai no mato ou na roça para preparar remédio de plantas para resolver o problema.

Existe uma história muito bonita que explica como o *Moonotsi* apareceu no mundo e os problemas que essas plantas causaram:

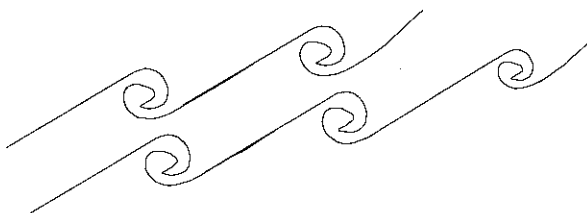
O *Moonotsi* começou na serra de Cucuí: Nos tempos antigos existia um rapaz de nome *Wadikoali*, que queria conseguir a planta de *Moonotsi* para conquistar as mulheres. Ele tentou muitas vezes e nunca conseguia tirar o *Moonotsi* da serra porque não conseguia subir numa palmeira muito alta onde estava a planta; depois de muitos dias tentando, ele teve um sonho em que alguém dizia para que se ele fizesse uma peconha de *Kolíwaipa*, que ele conseguiria subir na palmeira. Ele fez e aí conseguiu subir.

Lá em cima ele encontrou uma planta do *Moonotsi* e outra planta que serve para fazer a flauta de carriço. Lá em cima tinha o dono do *Moonotsi* que deu a ele a planta do *Moonotsi* e a flautinha. O dono do *Moonotsi* lhe ensinou como preparar o remédio e disse que quando ele chegasse no porto de sua casa devia tocar a flauta de carriço só uma vez.

Wadikoali fez tudo isso, mas quando chegou no porto, esqueceu a explicação e em vez de tocar só uma vez, ele tocou a flauta duas vezes. As mulheres ouviram o barulho do carriço, ficaram curiosas e foram atrás dele; todas as mulheres solteiras e casadas queriam namorar com *Wadikoali*. Como elas passavam o tempo todo na rede dele, os maridos das mulheres casadas ficaram com ciúme, mataram o rapaz e queimaram seu corpo; foi *Wadikoali* mesmo que recomendou que os maridos queimassem o seu corpo, para evitar mais problemas. No local onde ele foi queimado nasceram duas plantas chamadas *Wadikoali* e *Wadikoali* Hittimi; dessas plantas é que se faz a puçanga para conseguir mulher.

Se *Wadikoali* tivesse tocado a flauta de carriço só uma vez, ele não teria morrido, porque só as moças solteiras teriam gostado dele. Por isso é que é perigoso usar o *Moonotsi* para conseguir mulher, porque os outros homens podem ficar ciumentos e acontecer uma desgraça.

Outros informantes contam que *Ñapirikoli* usou reza para conseguir o mesmo efeito e algumas mulheres não se cuidaram, não fizeram o jejum e ficaram com dor de cabeça.



Os Mitos mostram que nos tempos antigos muitas doenças apareceram por causa das mulheres; é o que acontece no Mito da mulher de *Ñapirikoli* que comete adultério com *Omáwali*, ou no caso da mulher-piranha que pode matar com os seus dentes. Também é o que acontece quando as mulheres tem preguiça de limpar bem a comida e os seus corpos, facilitando os ataques dos *Yóopinai*.

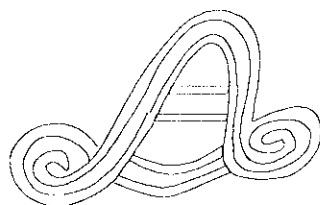
Menstruação e sangue de parto também tem cheiros que podem causar doenças. Para alguns informantes, o tempo de acontecer a menstruação de cada mulher também é o tempo em que podem aparecer mais doenças.

A menstruação apareceu quando Amaro roubou as flautas sagradas de *Ñapirikoli*. Ele queria pegar as flautas de volta e procurou Amaro até encontrá-la; ele estava com muita raiva e deu um sinal de que queria matar a mulher. Ele pegou a fruta *Tsiatsithe*, uma planta da roça que é vermelha por dentro e tem um líquido que nem sangue; pegou também o Poramo, o açazinho da caatinga. Esse era o sinal que ele ia ferir Amaro.

Ñapirikoli não tocou nela, mas fez um encanto na mente dele; no momento em que fez o encanto, ele recomendou que Amaro pegasse entre suas pernas para ver o que tinha lá. Na mesma hora, *Ñapirikoli* amassou a frutinha *Tsiatsithe*, e misturou o líquido vermelho com o Poramo e jogou nela. Quando ela tocou em si mesma, viu que entre suas pernas tinha um ferimento e que estava sangrando. Foi daí que apareceu a menstruação das mulheres.

Outra história conta a origem da menstruação:

Dzooli fez uma mulher de barro, aí ele foi na canoa com ela pegar peixe; ele deixou a mulher na parte de trás da canoa e recomendou que ela sentasse com as pernas abertas. *Dzooli* pegava os peixes e jogava lá atrás onde ela estava; primeiro ele pegou um aracú meio vermelho, depois pegou um jacundá, bem vermelho. Ele jogava os peixes com força, eles batiam entre as pernas da mulher, com isso foi cavando a vagina; do sangue que saiu apareceu também a menstruação. A partir daí foi que as mulheres começaram a menstruar é por isso também que no rabo do jacundá tem uma marca vermelha que foi deixada pelo dedo da mulher que pegou o peixe pelo rabo e o puxou para fora de sua vagina.



Doenças de Branco

As doenças de branco vem de Amaro que, com suas panelas, ensinou os brancos a fazer as fábricas de mercadorias onde tem também as doenças de branco; mas *Kowai* também tem a ver com essas doenças porque em muitas histórias *Kowai* é também um branco que faz o mal, trazendo doenças que antes não existiam nas terras dos Baniwa.

Os informantes dizem que as *Doenças de Branco* são aquelas que não vem do mato, não vem “através do povo indígena”; elas vem de fora das aldeias, de fora do mundo indígena onde estão localizadas as fábricas criadas por Amaro e *Kowai*.

Essas doenças começaram para os Baniwa depois que os primeiros brancos apareceram no Rio Negro. Muitas doenças de branco são também doenças de *Yóopinai* do baixo rio negro, que foram trazidas pelas pessoas que subiram os rios procurando escravizar os índios.

Também são consideradas *Doenças de Branco*, aquelas que passam de uma pessoa para outra e que alguns informantes chamam de “doença passageira”.

Existem muitas histórias que falam sobre os brancos, vamos resumir uma delas:

Todos os povos do mundo saíram de *Hiipana*; os brancos, que também saíram deste local, pegaram sua espingarda e baixaram o rio; não ficaram na terra dos índios, foram embora para lugares distantes. *Kowai* e Amaro ajudaram o branco a levar o poder de fazer as mercadorias para lá onde o branco foi morar, por isso os índios ficaram sem mercadorias. As doenças do branco apareceram das fábricas de mercadorias, que existem nas terras dos brancos; nessas fábricas existem cheiros e sujeiras que causam essas doenças. Elas vem “de baixo para cima”, do rumo dos brancos que moram em S. Gabriel, por isso a doença “sobe o rio”; também pode acontecer que as doenças “desçam o rio”, se vierem da Colômbia. As doenças do branco são sempre identificadas como sendo “de fora” do mundo indígena.

Nas fábricas dos brancos as máquinas são movidas a óleo e gasolina, essas substâncias não deveriam ser queimadas porque são venenosas, por isso causam doenças. Óleo e gasolina são tirados da terra, por isso pertencem aos *Yóopinai* da terra do Baixo Rio Negro, fora das terras dos índios. Quando essas substâncias venenosas são queimadas, se espalham pelo ar e sendo *Yóopinai* podem causar doenças. A aumento dos motores de popa, aviões e outras máquinas movimentadas pelo combustível dos brancos tem provocado o aumento dessas doenças entre os Baniwa.

Existem rezas para combater doenças de branco; nelas o rezador deve dizer o nome de todas as mercadorias que existem, por isso são rezas muito compridas e difíceis de lembrar; se o rezador esquecer algum nome a reza não será capaz de curar a doença. Alguns benzedores Baniwa dizem que quando os benzimentos foram distribuídos no mundo, os Tariano é que ficaram com a maior parte das rezas para tratar as doenças de branco, por isso é que os Baniwa conhecem poucas rezas para tratar doenças de branco.

As principais doenças de branco reconhecidas pelos informantes são: gripe, diarreia, malária, coqueluche, sarampo, bexiga (varíola) e catapora.

- **Wheetshi:** essa palavra é usada para falar da gripe que aparece com um quadro agudo de coriza, espirro, tosse, febre e dor de cabeça. Outra palavra usada para gripe é **litsipemi**, que seria uma gripe com tosse crônica, de acessos compridos, como a da coqueluche ou “tosse de guariba”;
- **Kalaka ibixikani:** chamada de catapora ou bexiga pequena. A pessoa tem feridas com coceira por todo o corpo; pode ter febre e dor;
- **Ttooli e Iraittoole:** essas doenças já foram explicadas antes, quando explicamos sobre *Whiokali*;
- **Sarampo:** febre, dor de garganta, bolinhas vermelhas no corpo, olhos inflamados, fraqueza;
- **Praga:** é também chamada de *Vela*; é um feitiço colocado por Pajé Baré ou por macumbeiro branco. Com essa doença a pessoa sente dor na barriga, febre, desmaia, vai ficando prostrado e morre; é uma doença muito grave, e precisa de tratamento com Pajé, para evitar que o doente morra. Quando tratam desses doentes os Pajés chupam pedaços de vela ou de fita do corpo da pessoa tratada; quando não é possível tratar com Pajé o doente pode ser tratado com plantas medicinais.

Muitos dizem que é um tipo de trabalho feito por macumbeiros em S. Gabriel, como paga de vingança de *Manheni*; para fazer esse malefício o macumbeiro usa cabelos e sujeiras do corpo da pessoa que foi morta por *Manheni*; ele usa esses materiais para fazer a Praga e matar a alma da vítima da macumba. Para outros é um tipo de sopro, mas não é um sopro Baniwa e sim um sopro de Baré, por isso é que é difícil de tratar e não pode ser curada com os benzimentos dos Baniwa.

- **Koonami:** os informantes traduzem essa palavra como malária, que aparece com frio, dor de cabeça e febre; para os informantes a pessoa com malária também pode ter diarreia, dor de estômago e fraqueza.

A origem da malária é contada no Mito de origem do Timbó; vamos contar essa História:

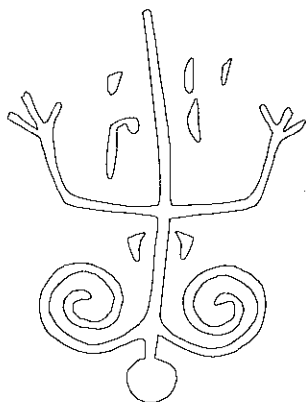
Napirikoli ficou com raiva porque os filhos de *Konáwheri*, seu sogro, o dono do timbó mataram um de seus irmãos com o veneno do timbó; eles transformaram o irmão de *Napirikoli* em peixe, o mataram, moquearam e comeram. *Napirikoli* jurou que ia se vingar; ele conseguiu salvar o coração de seu irmão e desse coração ele fez um gavião *Kamathawa*; o gavião era pequenino mas *Napirikoli* fez ele viver e crescer com o seu poder; era um gavião muito forte, capaz de carregar até uma tora de pau-brasil com suas garras. Depois que o gavião ficou pronto *Napirikoli* fez ele ficar pequeno, depois ele voltou para a aldeia de seu sogro e levou o gaviãozinho; as mulheres da aldeia gostaram dele e ficaram cuidando do pássaro. Um dia *Napirikoli* fez aparecer uma nuvem de formigas voadoras, as mulheres foram catar as formigas para comer e deixaram o gaviãozinho no braço de *Konáwheri*; logo depois o gavião foi crescendo e voou carregando *Konáwheri* em suas garras. *Napirikoli* pegou a zarabatana e fez de conta que ia matar o gavião mas atirou em *Konáwheri* matando-o. O gavião despedaçou o corpo venenoso de *Konáwheri*; a urina venenosa de *Konáwheri* cavou as panelas que são hoje as panelas de malária; os pedaços venenosos do seu corpo caíram nessas panelas e desse veneno surgiu *Koonami*, a malária.

Para outros, a malária “vem de baixo”, do mundo dos brancos, de fora das terras dos índios, porque nos rios abaixo existem as “panelas de malária”, principalmente no rio Uaupés. Para os informantes as “panelas” são buracos na pedra, cheios de água envenenada que quando são esquentados pelo sol, evaporam o veneno, que é levado para o ar e se espalha causando a doença; as pessoas sentem o cheiro desse veneno e adoecem; essas panelas existem, mas as pessoas não podem vê-las. O timbó que é o veneno que está nas panelas também pode ser renovado na época dos repiquetes; quando a água sobe, alaga tudo, se mistura com o veneno, que é levado pela água, para os igarapés. Se as pessoas tomarem a água, podem pegar malária.

Nos tempos antigos, os Pajés do Uaupés sopraram para fechar as panelas de malária e a doença parou. Uns anos depois, os brancos mataram o filho de um *Toyoka* em S. Gabriel; para se vingar, o pai jurou que seu filho não morreria sozinho; rezou para abrir as panelas de malária e a doença apareceu de novo, matando gente. Hoje em dia todas as pessoas que vão no Uaupés pegam malária. A força da doença pode ser vista como um arco-íris que fica em cima da panela de malária.

No rio Uaupés, existe um lugar chamado Jurupari; lá estão as “panelas de pedra” onde está a força do *Koonami*; esse veneno alimenta suas forças de uma fruta chamada *Tewainada*, que aparece na mesma época do ano em que a malária aparece. Essa fruta é reimosa para malária, se a pessoa com malária comer essa fruta ela piora de novo. A *Tewainada* é uma fruta fria porque é fruta do igapó, um lugar frio. Como ela é o contrário da malária, que é quente, ela pode piorar a doença. Por causa disso ela é uma fruta reimosa para todas as doenças quentes, ou seja, as que dão febre.

A fruta *Tewainada* era uma fruta doce, predileta dos macacos *Eenonai*, os primeiros donos do veneno. *Nápirikoli* queria matar os *Eenonai*, seus cunhados, para acabar com os venenos no mundo; então ele furou a fruta com uma flecha envenenada e deixou ela na árvore para os macacos comerem e morrerem. O veneno se dissolveu na fruta e ficou dentro dela, até hoje. Muitos macacos comerem e morrerem, mas o chefe deles ficou, não morreu, por isso o veneno nunca se acabou.



Manheni:

A palavra *Manheni* é usada para falar das doenças causadas pelo envenenamento de uma pessoa com veneno da região. A história que conta como aconteceu a primeira morte no mundo dos antigos, mostra que já existiam os venenos antes de *Kowai* deixá-los nesse nosso mundo. Naquele tempo os macacos *Eenonai*, inimigos de *Ñapirikoli*, eram os donos do veneno e mataram envenenado um dos irmãos de *Ñapirikoli*; depois, quando *Kowai* morreu, ele deixou todos os venenos que hoje existem e que a partir daí se espalharam no mundo.

Existem 3 grandes famílias de venenos, aqueles que vieram do cérebro de *Kowai*, os que são pêlos de *Kowai* e os que vieram de seu fígado e se transformaram em plantas venenosas; *Kowai* deixou a maioria desses venenos guardados numa serra que existe na Venezuela.

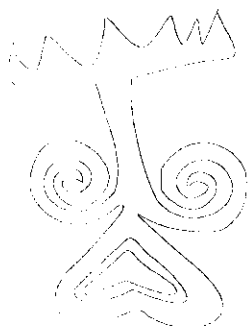
As doenças causadas pelo veneno podem aparecer de formas muito diferentes, de acordo com o tipo de veneno que foi usado. Existem muitas formas de envenenar: o veneno pode ser colocado na comida, na canoa, nas portas da casa, nas roupas, nos olhos ou no nariz da pessoa enquanto ela dorme; a maneira de envenenar depende do tipo de veneno que seja usado. Assim como existem muitos venenos também existem muitos remédios para tratar essas doenças; existem muitas plantas boas para fazer esses tratamentos.

A pessoa envenenada pode ter dor de cabeça, fica fraca e amarela, emagrece, está sempre pegando outras doenças; dependendo do veneno ela pode vomitar sangue ou ter diarreia de sangue.

Os venenos não são todos iguais: alguns são fracos mas outros são muito fortes e podem matar em poucas horas. Dependendo da força do veneno a pessoa pode ficar boa sozinha ou com tratamento com plantas ou pode precisar de Pajé. Às vezes o veneno é forte mas a pessoa está bem protegida com benzimentos e com as dietas tradicionais e não fica com doença grave.

Podemos dizer que alguns venenos dão um **quadro agudo**, isto é, são fortes e atacam a pessoa rapidamente, podendo matar em pouco tempo; outros são diferentes e vão enfraquecendo a pessoa devagar, deixando-a fraca, magra e pálida; nesse caso dizemos que o veneno dá um **quadro crônico**.

O envenenado não deve comer pimenta porque a doença piora.



Os principais tipos de *Manheni* são:

Venenos de pêlo de Kowai:

- **Lidzooaa** : dá dor de cabeça e de barriga causada pelo pêlo da preguiça preta *Uamu*; este tipo de veneno vem de *Kowai* que era peludo e costumava virar esse tipo de preguiça;
- **Wáphétti**: tipo de *Manheni* provocado por espinho venenoso que é na verdade um pêlo de *Kowai*; pode ser deixado na canoa da vítima para entrar em seu corpo quando ela for usar a canoa; pode também ser deixado na roupa ou na porta da casa da pessoa. O pêlo é duro como um espinho e entra rapidamente no corpo, procurando o coração da pessoa para furar; o envenenado pode morrer em poucas horas se não for feito o remédio certo. A pessoa sente febre, frio, dor de cabeça e tonteira; pode morrer rápido.
O tratamento pode ser feito com um tipo de Kapoliro bem forte que pode tratar este veneno. O Pajé também pode tratar e nesse caso ele chupa o doente, procurando tirar o espinho;
- **Mêepékapha**: veneno de pêlo de *Kowai*, que causa emagrecimento e desânimo;

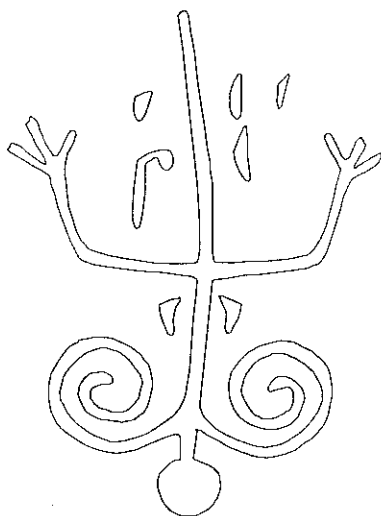
Venenos das cinzas de Kowai:

- **Likaimi**: é um veneno que vem das cinzas de *Kowai*; quando o Pajé chupa uma pessoa com esse tipo de veneno ele tira cabelo branco. A pessoa sente fraqueza, fica pálido, fraco, sonolento;
- **Powekaimi**: o veneno faz com que a pessoa fique como um bicho; o doente não aceita roupas, sobe nas árvores como um macaco, não aceita conviver com as pessoas na comunidade. A doença pode passar sozinha mas a pessoa pode morrer perdido na mata ou se machucar por causa do seu comportamento de correr para o mato sem tomar cuidado. As pessoas dizem que o envenenado fica assim porque está procurando a serra da Venezuela onde estão todos os venenos; o doente vê a serra como se estivesse bem perto e quer correr para lá.
O tratamento pode ser feito com sumo de planta; o remédio é colocado no olho do doente, para poder entrar dentro de sua cabeça, onde está o veneno;
- **Hipiralikaimi**: o veneno vem do pássaro Hipirali; a pessoa envenenada também fica com o comportamento alterado; se comporta como se fosse um pássaro e não uma pessoa;
- **Katshirikaimii**: a pessoa também fica perturbada, se comporta como um animal da água, fica sempre querendo se jogar na água; se cair não volta para o mundo dos humanos, fica para os animais da água como o jacaré;
- **Walamakaimi**: tipo de *Manheni* muito forte que vem da serra do veneno na Venezuela onde estão todos os venenos; é na verdade um tipo de *Walama* pois só pode ser usado por Pajés poderosos. A pessoa sente dor na barriga e fraqueza;

Todos os venenos que terminam com a palavra *Kaimi* entram no cérebro das pessoas e por isso deixam ela perturbada, como se estivesse doida. Todos esses venenos vieram do cérebro de *Kowai*, por isso é que eles envenenam o cérebro da pessoa doente. *Kowai* deixou esses venenos no mundo como vingança por ter sido queimado por *Ñapirikoli*.

Venenos do fígado de Kowai:

- **Maarodadali:** dor de cabeça e de barriga; a pessoa fica magra e fraca. É um veneno causado pelo caroço da “fruta de pedra”, que é de uma planta que cresce na serra do veneno, chamada *Dooome Ittipalia*, que fica na Venezuela. Os venenos foram colocados nessa serra por *Kowai*;
- **Mawikoli:** dor de cabeça e fraqueza causado por uma fruta do mato que pode ser colocada no caxiri ou no nariz da pessoa quando ela dorme;
- **Omai panatemi:** folha da “árvore de piranha” que é colocada na comida ou bebida da vítima dando fortes dores de barriga, vômito e diarreia de sangue vivo; esse veneno pode matar em poucas horas ; alguns informantes chamam este quadro de *Pakathaka Iranatti*;
- **Whéeropemi:** envenenamento causado pela planta *Whéero*; se não for tratada a pessoa vomita e urina sangue até morrer; ela pode morrer bem depressa. Esse veneno veio do fígado de *Kowai*;
- **Whiokalipemi:** é uma doença que parece com *Whiokali* mas é causada por um veneno que parece óleo de peixe; a pessoa sente as mesmas coisas de quem tem *Whiokali*: dor de barriga, diarreia, fica fraco e magro;
- **Maliñai Manheé:** é um veneno que fica no ar; quando a pessoa anda pelo mato ela não deve se descuidar e nem deixar a cabeça descoberta, porque o veneno pode entrar nela.



Doenças do Cosmo

Cosmo é a mesma coisa que mundo; é uma palavra usada em português para falar de tudo o que existe no mundo dos homens, dos espíritos, da natureza e dos deuses; essas doenças seriam aquelas que vem desde o começo dos tempos quando os deuses, as estrelas e os espíritos falavam com as pessoas.

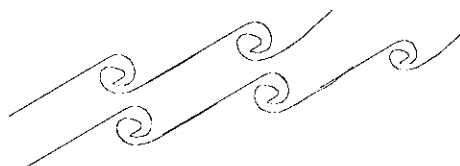
Os agentes de saúde e conhecedores de plantas sabem pouco sobre essas doenças que são mais conhecidas pelos Pajés. A família das doenças explicadas nessa parte do manual veio das estrelas e do sol, que também podem atacar as pessoas. .

As principais doenças do Cosmo são:

- **Heekoapi ipoa:** doença que dá vômitos, febre, dores no corpo; aparece quando o sol tem um anel escuro ao seu redor ou quando tem um arco íris no céu.
- **Walipere ipoanaa:** é um tipo de *Walama* que dá dores no corpo e *Kupiñhai*; é uma doença que aparece na época em que a constelação *Walipere* fica no céu, nos meses de Janeiro, Abril e Maio. Essas estrelas podem flechar as pessoas com *Walama*, causando a doença. Elas também podem flechar o peito da mulher que está amamentando, estragando o leite.

No tempo em que estas estrelas estão no céu, podem acontecer sonhos e as pessoas ficarem preguiçosas, não quererem levantar cedo e nem tomar banho; se isso acontece é mais fácil elas serem flechadas pelas estrelas e adoecerem. Os velhos explicam que o melhor jeito de evitar isso, é fazer os jovens tomar banho quando ainda está bem escuro, antes das estrelas aparecerem no céu, porque nessa época elas aparecem no céu já perto de amanhecer. Quem toma banho frio no igarapé nesse horário, fica forte, esperto e trabalhador; evita doenças e custa a envelhecer.

- **Kakodzode ipoana:** é uma doença parecida com a anterior; a pessoa sente as mesmas coisas, mas essa doença aparece em Março, na época em que a constelação *Kakodzode* aparece no céu.



Para o povo Baniwa as dietas ou jejum, como chamam os informantes são uma maneira muito importante de evitar e ajudar a curar doenças; toda cura tradicional exige algum tipo de dieta. A origem das dietas é explicada nas histórias; elas mostram que os alimentos que hoje são reimosos eram corpo de inimigos de *Ñapirikoli* ou foram armas usadas para tentar matar esse ancestral.

Em todos rituais importantes é preciso fazer jejum; o *Kalidzamai* exige o sacrifício dos pais, que devem ficar muitos dias de dieta, até o dia certo de benzer a comida e a pimenta, para eles poderem voltar a comer. Também no tempo do *Khewikani* e do *Kathaitakalla* o rapaz e a moça tem que fazer jejum. Para aprender a ser Pajé a pessoa precisa fazer sacrifício de não comer e de evitar relação sexual. O sacrifício prova de que a pessoa está disposta a sofrer para conseguir um benefício, porque neste mundo, tudo tem que ter troco; para conseguir aquilo que querem, as pessoas tem que se esforçar e fazer sacrifícios.

Existe uma explicação de porque as pessoas de hoje tem que fazer dieta:

Kowai não usou essa pimenta no começo; ele usou essa pimenta quando ele fez besteira, quando comeu gente. No começo a pimenta ia ser um benzido dele, se tivesse sido assim, hoje não ia ter esse negócio de resguardo e de jejum.

Foi assim que aconteceu: *Kowai* mandou os meninos fazer jejum, mas eles não obedeceram. Um dia *Kowai* já estava preparando a comida com pimenta para eles, porque os meninos já estavam perto de sair do jejum; daí eles comeram fruta assada antes do tempo, comeram escondido. *Kowai* estava preparando peixe com pimenta; esse peixe era um pedaço da carne de *Kowai* e representava todos os animais do mundo; na mesma hora que os meninos comeram escondido ele ia começar a benzer o peixe e a pimenta, mas ele descobriu o que os meninos tinham feito e parou; ficou com raiva e jogou a comida fora. Se ele tivesse completado o benzimento nenhuma comida ia ser reimosa, nenhuma ia fazer mal; ele ia benzer essa pimenta e dar a comida para eles quando terminasse o tempo de jejum; a pimenta ia ser um tipo de remédio para as comidas não serem reimosas. Mas aí, como *Kowai* ficou com raiva porque tinham estragado o *Khewikani*, ele não terminou de arrumar a comida. Ele ia benzer e não benzeu; como a comida não foi benzida ele não tirou a reima dela, por isso é que a comida é perigosa para nós, principalmente quando a pessoa está envenenada, porque o veneno é o corpo de *Kowai*.

Kowai disse que o pêlo dele, que é veneno, não podia tocar na pimenta. Se ele tivesse completado o benzimento não ia ter veneno, porque a gente ia poder comer o corpo de *Kowai* não ia fazer mal para nós. Tempos depois *Dzooli* benzeu a pimenta para amansar ela, mas *Dzooli* só tinha um pouco de conhecimento, por isso ele benzeu só a metade e não amansou ela bem, por isso é que ela é reimosa quando a pessoa está fraca, quando está doente; para a pessoa sadia a pimenta não faz mal, porque foi meio amansada por *Dzooli*.

Muitas outras histórias também explicam porque apareceram a reima e as dietas: aqui no Manual já foi contado que o filho de *Ooliámali* também fez aparecer comidas reimosas; também, muitos animais que hoje são reimosos eram inimigos de *Ñapirikoli*, como é o caso dos macacos que são da tribo dos *Eenonai* e das preguiças *Wamu*, que eram *Kowai*; esses inimigos perigosos que queriam matar *Ñapirikoli* também são perigosos para nós, que somos os descendentes de *Ñapirikoli*.

Situações que exigem dieta:

No *Kalidzamai* estão importantes costumes de dieta dos Baniwa. Neste ritual, quando o benzedor reza ele fala o nome de todos os animais que podem causar mal ao bebê quando nasce e depois quando ele cresce. A reza, que lembra coisas ruins que aconteceram no tempo dos ancestrais, é feita para proteger a família, purificar o alimento e evitar que essas agressões dos espíritos dos animais ancestrais aconteçam de novo. É por isso que a pessoa que não teve *Kalidzamai* cresce fraco e sem resistência ao perigo dos alimentos. Isso também acontece no tempo do *Khewikani* e do *Kathaitakalla*.

As dietas também são muito importantes quando há um caso de doença. Na maioria das vezes, as pessoas que fizeram as dietas no tempo certo, que cuidam bem do seu corpo e de suas comidas, não pegam doenças graves, porque a dieta bem feita, no tempo certo, é uma maneira de evitar as doenças. Nesses casos, quando a doença vem, a pessoa está forte e bem protegida e a doença não consegue tomar conta dela.

Quando a pessoa já está doente a dieta é ainda mais importante; o que a pessoa pode ou não pode comer vai depender da doença que ela tem e do tipo de tratamento; geralmente os tratamentos com plantas medicinais exigem dietas que aparecem no cadastro de plantas medicinais dos agentes de saúde. Aqui vamos dar só uma noção geral das dietas que os doentes devem seguir. O agente de saúde pode saber mais sobre isto no seu cadastro de plantas medicinais e com os velhos das comunidades.

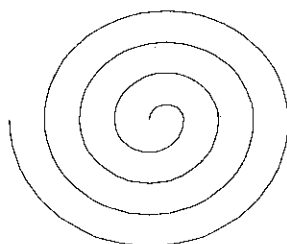
As dietas mais severas devem ser feitas pelas pessoas que estão com *Manheni* ou foram picados por cobra venenosa; o envenenado tem que respeitar a doença se quiser ficar bom. De modo geral as costumes de dieta proibem que o doente coma bichos grandes: animais de pêlo, pássaros e peixes grandes costumam ser proibidos para os doentes graves, que só devem comer mingau, chibé ou peixinhos pequenos, que não tem reima.

O doente de *Manheni* não deve sentir nem o cheiro de comida e de pimenta; só de ele cheirar a comida reimosa já pode piorar. Ele não pode comer nenhum bicho de caça, porque no tempo dos ancestrais esses animais eram *Kowai*, eram parte do pêlo dele; cada pêlo de *Kowai* era um animal. Macaco, paca, anta e preguiça são os mais perigosos de todos, porque nas histórias eram os principais inimigos de *Napirikoli*; se o doente comer esses bichos é como se comesse *Kowai*, aí ele está aumentando a quantidade de veneno no corpo dele.

A situação é parecida para quem está picado de cobra, porque o veneno da cobra está no sangue do doente, do mesmo jeito de quem está com *Manheni*. Além de fazer dieta, a pessoa que foi picada de cobra também não pode pisar na água, não pode ver mulher grávida, nem menstruada, não pode ter relação sexual e nem tomar água, no máximo uma pequena quantidade de remédio para a sua doença. Se a pessoa fizer alguma dessas coisas o local da picada pode inchar e sangrar.

Doentes de *Manheni* que tem hemorragia não podem comer peixes com dentes e com ferrão, nem frutas com espinhos ou com pêlos duros que furam ou cortam; se comerem esses alimentos a hemorragia pode piorar.

Esses doentes também não podem comer pimenta.



Isso acontece porque no começo dos tempos o dono do veneno, *Hoiniri*, foi fazer o veneno, foi começar isso que depois ia ser o veneno de cobra. Quando ele preparou o veneno nenhuma dessas coisas chegou perto dele; ele vivia sozinho e na vida dele ele nunca viu pimenta, nem mulher grávida, nem mulher menstruada, nem hemorragia; como ele não conhecia essas coisas não pôde prepará-las para não fazerem mal para o veneno, por isso é que elas são contra o veneno, porque *Hoiniri* não sabia que elas existiam; aí, quando a flecha dele se transformou em cobra, o veneno ficou contra tudo isso.

É diferente se a pessoa for mordida por cobra venenosa de água; nesse caso ela não deve sair da água antes de colocar o remédio certo. Se a pessoa sair da água antes de colocar o remédio, o vento vai bater no local da ferrada e piora, porque aí, é o vento que é contrário ao veneno.

A pessoa ferrada de Tocandira também não pode pisar na água porque a formiga também tem veneno e na história a formiga veio da água: a tocandira era um peixe que foi transformado em formiga depois de ser pescada pela anta. Se a pessoa ficar longe da água, o veneno vai secando, vira pó no sangue da pessoa, a formiga vai secando também, quando a formiga morre, o veneno morre junto.

Se um menino for ferrado por formiga tocandira antes de passar pelo *Khewikani* ele não sente dor, só vai sentir depois que virou homem. Isso vem desde o começo: quando *Kowai* estava fazendo o primeiro *Khewikani* ele fez a formiga morder os meninos, aí ele perguntou para o maior: você está sentindo dor? Ele estava. Aí ele fez o mesmo com o pequeno, mas esse não sentiu a dor; aí *Kowai* disse: para a gente que vem vai ser assim, só vai sentir a dor quando for grande. Na época a tocandira era um veneno que ele colocou no algodão da flecha de zarabatana, aí ele quebrou o pedacinho da flecha e transformou ele em tocandira e fez ela ferrar os meninos.

O picado de cobra ou de formiga também não pode deitar na rede; no máximo ele pode se sentar, mas não deitar, se deitar na rede a dor piora. A rede é um lugar onde acontece relação sexual, onde já deitou mulher grávida, já pode ter deitado doente com hemorragia, coisas assim. Essas coisas estão lá, se você deitar lá, o que está lá passa para você. Ele também não pode comer certas frutas doces como sorva; isso também aconteceu na história: o filho de *Ooliámali* com a mulher de *Napirikoli* gostava dessa fruta; frutas doces que agradam a cobra fazem mal para o doente, porque é o contrário dele, as frutas dão força para a cobra, fortalecem o veneno.

Quando o picado de cobra faz jejum seus parentes também tem que fazer, porque todos são do mesmo sangue, da mesma família e o que acontece com um acontece com o outro; se um parente comer comida reimosa ela também vai fazer mal para o doente. O picado de cobra tem que ficar separado da vida da comunidade até melhorar.

Dietas para outras doenças:

Quem tem *Kooloipemi* não pode comer saúva: os velhos contam que quando a saúva voa, ela fica só umas poucas horas voando e depois cai; quando isso acontece ela traz uns ovinhos na barriga; foi daí que começou o *Kooloi*. A formiga é dona do *Kooloi*, porque ela tem esses caroços na barriga; se a pessoa comer saúva na comida ela pode ficar com *Kooloi* e se já tiver a doença pode piorar. Também não pode comer saúva com peixe, porque na história antiga a saúva era um peixe que foi transformado em formiga; se o doente comer saúva e peixe ele pode piorar ainda mais a sua doença porque aumentam os ovinhos que ele está comendo.

A dieta de doente de *Whíokali* muda de acordo com a causa da doença: se for *Whíokali* de peixe ele não pode comer peixe, principalmente os peixes lisos, gordurosos, peixes parecidos com cobras ou com dentes e com esporão. A razão para isso aparece nos Mitos: a doença apareceu primeiro da cobra *Omáwali* e depois dos peixes de esporão que o sogro de *Ñapirikoli* deu para o Socó comer. Essas pessoas também não podem comer ingá, que parece com uma cobra, nem frutas com espinhos ou pêlos duros, que pareçam esporão de peixe.

Doentes com *Komadéewhemi* não devem comer ovos de qualquer animal, porque a doença que está no seu corpo é um caroço, tipo um ovo.

Nas doenças causadas por *Yóopinai* não se pode comer frutas “feridas”, ou seja, que estejam com a casca furada, rasgada ou com uma cor diferente do normal. O doente também não pode comer coisas que dão coceira na boca, como cubiu e abacaxi, porque na história conta que o *Whéero*, a planta que deu origem aos *Yóopinai* dá coceira e fere a pele. Essas pessoas devem evitar frutas que apodrecem rápido, como a banana, para evitar que seus ferimentos apodreçam.

Doentes de *Walama* não devem comer nada que fure, como plantas com espinhos, peixes com esporão e animais com ferrão.

No caso do *Moonotsi* o jejum representa um sacrifício, um tipo de pagamento para a pessoa poder conseguir o que quer; se não fizer jejum não consegue a mulher e ainda vai ficar doente com dor de cabeça.

Algumas coisas são proibidas para todos os doentes: o sal, que é uma coisa que queima a barriga por dentro, pode causar ferimentos e inchaços, amolecer e apodrecer os dentes, por isso devem ser sempre evitados por quem está doente.

Outra dieta importante é a de pimenta. Se naquele primeiro *Khewikani* que foi estragado a pimenta tivesse sido benzida por *Kowai*, hoje ela não causaria mal. Como isso não aconteceu ela queima e arde dentro da barriga das pessoas; quem está sadio não sente nada, mas quem está com dor de barriga, com ferimentos, com hemorragia ou vômitos pode piorar da doença. Doentes febris também não devem comer pimenta; como a pimenta é ardosa, esses doentes podem arder de febre também.

Os velhos também dizem que os animais-espíritos comem gente temperada com *Manheni*, do mesmo jeito que temperamos a nossa comida com pimenta. Quando a pessoa está doente ela tem que evitar comer animais, principalmente temperados com pimenta, porque se fizer isso fica mais fácil os animais-espíritos comerem o doente, como pagamento pelos bichos que ele matou e comeu durante a sua vida. Os animais-espíritos estão sempre querendo se vingar porque nós matamos os parentes deles; quando estamos doentes, ficamos mais fracos e aí fica mais fácil deles nos matarem para vingar seus parentes.